



O MINHO
PITTORESCO
JOSÉ AUGUSTO VIEIRA



FL6-2



908(469.111) VIE

O Minho Pitoresco

BMM

**LEITURA
NA BIBLIOTECA**

CDU: 908 (469.1) VIE
39 (469.111)



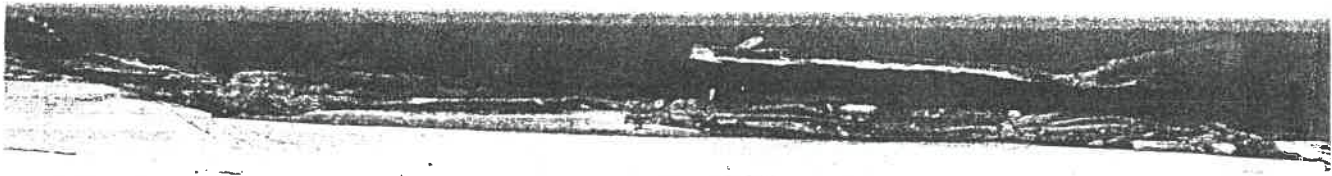
INTRODUÇÃO

O Minho!

O jardim de Portugal!

Quantas vezes, leitor, tens tu ouvido designar assim essa formosa provincia, d'entre todas as suas irmãs a mais populosa e a mais activa, a mais pittoresca e a mais hospitaleira, scio uberrimo das tradições que individualisam uma nacionalidade, terra onde a vegetação é luxuriosa e onde os espiritos conservam as qualidades affectivas d'esse genio celta, que foi o nosso *fiat* genesico, e d'essa alma grega, que foi a nossa iniciação artistica.

Berço, onde se embalou a nacionalidade portugueza, o Minho tem sido o tabernaculo sagrado das nossas tradições ethnicas, subversivo e revolucionario no momento das grandes crises nacionaes, cultivador da terra na tranquillidade bucolica da paz, amoroso de raça, emigrador e fecundo por condições de meio.



CARTA
GEOLOGICA
da
PROVINCIA DO MINHO



Elisée Reclus na sua *Géographie Universelle* confirma com a sua auctoridade de distincto ethnographo estas qualidades brilhantes da raça do norte do paiz, quando escreve: — «Segundo o testemunho universal são os minhotos os melhores habitantes de Portugal, tanto pela sua doçura de caracter, como pela sua alegria e cordealidade; as suas danças e canticos fizeram já com que um auctor os houvesse comparado a verdadeiros pastores de Theocrito.»

«Tem-se observado ainda, — acrescenta o sabio francez, — que o exito das revoluções nacionaes e a fortuna dos partidos dependem principalmente da attitude tomada pelas energicas populações do Norte.»

Pela sua posição topographica e pelas suas condições de vegetação e de clima, de humidade do sólo e de hygrometricidade atmospherica, o Minho é como que um intensissimo viveiro da planta humana, fadado não só a assegurar a nossa missão colonial pela emigração, como a nossa independencia pela força numerica e pela da tradição.

Em toda a península, é esta a provincia que maior contingente de emigrantes fornece, sendo curioso o facto, de que não só aqui, mas em todas as regiões europeas, focos notaveis de emigração, as condições de constituição cosmica são analogas ás do Minho; o que leva bém a concluir, que emquanto esta formosa provincia tiver nas suas frescas montanhas e nos seus valles pittorescos esse determinismo physico de fecundidade, que a torna um viveiro humano, a nossa nacionalidade conservará a força viva da tradição e da lingua, e o povo portuguez terá na communhão luminosa do progresso o seu logar independente e honroso.

Por uma estatistica feita nos annos de 1872 a 1881 vê-se que o districto de Vianna deu 6:911 emigrantes, o de Braga 12:780 e o do Porto 31:840, ao todo 51:531, sendo 46:697 homens e 4:834 mulheres. D'estes emigrantes eram maiores de 14 annos 41:961 e menores 9:570, e dirigiram-se para a Asia 1, para a Africa 156 e para a America 51:374.

Elisée Reclus, diz ainda ácerca d'esta intensidade de população:

«Os habitantes da parte cultivada das bacias do Minho e Douro são muito numerosos, proporcionalmente á superficie do solo. Na provincia comprehendida entre os dois rios, a população é mesmo muito mais densa que na provincia limítrophe de Pontevedra, a mais rica em homens de toda a Hespanha. Se a França fosse relativamente tão povoada como a provincia do Minho, teria perto de 70 milhões de habitantes. Para encontrar n'este espaço estreito o alimento sufficiente, é preciso que os portuguezes do Norte trabalhem com muito zelo, e a sua provincia é com effeito a melhor cultivada da península.»

O distincto sabio explica este facto pela razão de serem proprietarios quasi todos os minhotos, o que é verdade, pela dos *aforamentos*, o que nos parece de problematicos resultados, e por uma terceira razão, — a da transmissão da pro-

priedade a um filho unico, que indemnisa os irmãos por uma somma fixa,— antiga lei dos morgadios.

«Graças a essa enfeudação do solo, escreve o geographo citado, quasi todos os valles e collinas da Lusitania do norte são cultivadas como um jardim.»

Um jardim, realmente, o Minho, alcandorando-se a nascente nas serras da Peneda, Gerez, Cabreira e Marão, por onde confina com Traz-os-Montes, e que como que o isolam do systema orographico continental, e quebrando-se, a occidente, na curva suave das planicies, contra a orla d'esse grande lago azul—o Atlantico, que o embala com o murmurio das suas vagas e lhe transmite todas as suas qualidades de gentileza e de força, fadando esse povo para as luctas da vida e para os lances da aventura, communicando-lhe o sentir artistico e o bello instincto do amor. É como que não satisfeito ainda d'essa isolacão, os rios Minho ao norte e Douro ao sul, separam-o, aquelle da Galliza e este da Beira-Alta, como se para a sua missão de colmeia humana as grandes correntes d'agua tivessem de ser o vehiculo apropriado para essa raça energica de aventureiros, cujo nome teria um dia de abrir-se a buril de ouro nas largas paginas da historia.

A historia do paiz...

A historia do Minho, póde dizer-se quasi, porque é d'este quadrilatero norte do territorio, que sae, mercê de condições ethnicas e politicas, a autonomia do velho condado portucalense, a qual principia a consolidar-se,— coincidencia gloriosa ainda,—no celebre recontro de Guimarães, entre os homens de Affonso Henriques e os de sua mãe D. Thereza.

Mas não é um facto isolado, que imprime de per si vida historica a uma nacionalidade que desponta; e não seria de certo esse encontro entre as tropas do filho revoltado e as da mãe ambiciosa, que marcaria a nossa iniciação historica, se as qualidades ethnicas, as condições de meio e as circumstancias de momento não houvessem de assignalar essa hegemonia politica. Foi o que succedeu então.

A largos traços esbocemos esse grande acontecimento, porque elle é só de per si a grande gloria historica da provincia, que vamos jornadaear.

Está feita a erupção dos Pyreneos; e d'esse relevo orographico, que tanto ha de influir na vida da peninsula, destaquemos a parte que diz respeito á provincia.

Dos tres systemas orographicos de Portugal, o transmontano, o beirense e o transtagano, basta enunciar o primeiro para descrever a orographia do Minho.

As serras mais notaveis que n'elle se encontram, são: no Minho, Gerez, Peneda e Cabreira; em Traz-os-Montes, Marão, Larouco, Nogueira, Alturas, Cabreiro e Bornes. A orographia das duas provincias tendo intima ligacão com a

orographia da Galliza, podem considerar-se as suas serras, como contra-fortes da de S. Mamede, ponto de ligação com a grande cordilheira dos Pyreneos asturianos.

Entre os rios Minho e Lima levanta-se a Peneda a 1:416 metros e prolongando-se para O. liga-se com as serras da Bolhosa e Arga, formando a divisoria entre as bacias d'aquelles dois rios.

A sul, entre o Cavado e o Lima, ergue-se o Gerez a 1:442 metros na direcção nordeste-sudoeste, indo ligar-se com as serras de Mourilhe e Larouco, em Traz-os-Montès, e despedindo um contra-forte, que com os nomes de Amarella, Oural, Nora, etc., divide as bacias dos dois rios.

A Cabreira, com 1:276 metros, unindo-se nas Alturas ao grande planalto de Barroso, e formando a divisoria das bacias do Cavado e Tamega, destaca tres contra-fortes: o primeiro dirigindo-se para Oeste com o nome de serra da Oliveira até ás nascentes do Deste, bifurca-se em dois ramos, um que segue para norte até ao monte de S. Felix, onde termina, separando assim as bacias do Cavado e Ave; o outro que segue para o sul, formando a serra da Falperra, entre o Deste e o Ave.

O segundo contra-forte dirige-se para SO., entre os rios Ave e o Vizella.

O terceiro vae para o sul fazendo a divisão hydrographica entre as bacias do Tamega e as do Ave e Souza; e com os nomes de serra do Crasto, Luzim, Mousinho, etc., termina sobre o Douro na confluencia do Tamega. Nas origens do Souza um contra-forte se destaca, alongando-se pela margem esquerda do Ave, até ao monte de Santa Eufemia, formando as serras de Barrosas e Citania, e limitando a sul a bacia do rio. De Barrosas um braço dirigido para SO. vae formar a serra de Vandoma entre os rios Souza e Ferreira; e da Citania um prolongamento com o nome de serra de Agrella dirige-se para a serra de Valongo.

Tal é a orographia especial da provincia.

A sua hydrographia e a sua geologia, as suas arvores e o seu clima são outras tantas condições elementares, que temos de esboçar a largo traço para melhor comprehender a sua historia.

Ahi estão diante de nós essas largas fitas sinuosas, de cambiantes argenteos e esverdeados, desenrolando-se desde os flancos das montanhas até á arena immensuravel do mar; são os rios, os grandes e os primeiros amigos do homem, que iniciou com as suas aguas o seu baptismo de civilisação.

Ahi está o Minho, cheio de margem a margem e melancolico entre a sua longa fila de salgueiros; o Lima, sorrindo para as suas areias fulvas e para as suas paysagens buliçosas; o Cavado, sentimental como o sonho d'um lyrico; o Ave, gentil como uma noiva de vinte annos; o Douro, estuado como um trabalhador em lucta. E, depois, muitos outros pequenos cursos d'agua, uns affluentes,

outros gosando da sua pequena independencia de bacias littoraes e vindo directamente beijar o Atlantico, como são o Ancora, o Neiva, o Leça.

Cada um de per si:

BACIA DO MINHO. — *Contorno:* Serras da Peneda, Corno de Bico, Arga e monte do Faro; superficie da bacia (em Portugal) 871^{kq},87.

Curso. — Desce dos montes Cantabricos na Galliza, entra em Portugal acima de Melgaço, banha Monsão, passa entre Valença e Tuy, costeia Villa Nova da Cerveira e entra no Oceano perto de Caminha, tendo percorrido 236 kilometros, 65 dos quaes em Portugal e d'estes navegaveis 40 de Monsão para baixo. A direcção é de NE. para SO.

Affluentes. — O principal é o Coura, que desde da serra de Bico e termina junto de Caminha.

BACIA DO LIMA. — *Contorno:* Ao norte é formado pela mesma linha divisoria do rio Minho até á serra de Arga e d'esta até ao Oceano pelas serras de Perre e Santa Luzia; ao sul pelas serras da Amarella, Nora e Faro.

Superficie em Portugal 1:034^{kq},37.

Curso. — Nasce em Hespanha na serra de S. Mamede, entra em Portugal pouco acima de Lindoso, banha Ponte da Barca, Ponte de Lima e Vianna do Castello junto á sua foz. Começa a ser navegavel em Ponte da Barca pelo espaço de 37 kilometros. O seu curso é de 110 kilometros, dos quaes 58 em Portugal com a direcção NE. a SO.

Affluentes. — O mais notavel é o Vez, que desce da serra da Peneda, passa junto dos arcos de Valle de Vez e termina em frente da Ponte da Barca.

BACIA DO CAVADO. — *Contorno:* E limitado ao norte pelas serras de Oural, Amarella, Gerez, Mourilhe e Larouco; ao sul pelo planalto de Barroso, serra da Cabreira e Oliveira, alturas de Braga, serra de Airó e collinas até Fão.

Superficie da bacia 1:587^{kq},50.

Curso. — Naste na serra de Larouco, na raia, corre junto a Montalegre e Barcellos e entra no Oceano formando o porto de Esposende. O seu curso é de 100^k, sendo 12 navegaveis. A direcção é a de NE. a SO.

Affluentes. — Rabagão, na margem esquerda, vindo do planalto de Barroso; e Homem, na margem direita, nascendo na serra do Gerez e confluindo no Vau de Bico.

BACIA DO AVE. — *Contorno:* Ao norte, desde o monte de S. Felix até á serra da Cabreira, tem a mesma divisoria do Cavado; a leste e sul os contra-

fortes da serra da Cabreira até Margaride, e serras de Barrosas e Citania até ao norte de Santa Eufemia.

Superfície da bacia 1:368^{ky}, 12.

Curso. — Nasce na serra da Cabreira, banha Santo Thyrsó, e termina no Oceano junto a Villa do Conde, tendo percorrido 73 kilometros, e sendo apenas navegavel proximo da sua foz. Tem duas direcções principaes: uma de NE. a SO. da origem até á confluencia com o Vizella; a outra de E. a O. d'esse ponto até á sua foz.

Affluentes. — Vizella, na margem esquerda, começa na serra de Cabeceiras, e passa perto de Vizella; Deste, na margem direita, nasce na Falperra, banha os campos de Braga e termina defronte da Retorta.

BACIA DO DOURO. — *Contorno:* Em Portugal abrange, á direita, quasi toda a provincia de Traz-os-Montes e é limitada a NO. pelas alturas do Porto, serras de Vallongo, Agrella, Citania e Cabreira e planalto de Barroso. Á esquerda, é limitada por uma das principaes linhas orographicas da Beira, formada pelas serras de Mezas, Malcata, Sortelha e Fragas até á Guarda, na serra da Estrella, e pelas de Trancoso e Aguiar, planalto de Ferreira, serra da Freita e colinas da Feira até á serra de Santo Ovidio.

Superfície em Portugal 18:758^{ky}, 05.

Como o seu curso, sob o nosso ponto de vista, não necessita descrever-se, basta dizer que navegavel já, quando entra na provincia, recebe n'esta os dois

Affluentes: o *Tamega*, que entra em Portugal, fertilizando a bella veiga de Chaves, passa em Mondim de Basto e Amarante, e confue no ponto de Entre-os-Rios; e o *Souza*, que nasce no planalto de Felgueiras, passa entre Penafiel e Paredes e termina na foz-Souza.

Estes os rios principaes, os grandes estuarios, em que a vida mais se condensa; outros porém, que mencionámos já, vão directamente ao mar, e são:

Entre a foz do Minho e do Lima, o *Ancora*, que nasce da serra de Arga e termina em Gontinhães, freguezia de Ancora, uma das mais formosas praias portuguezas.

O *Neiva*, entre Lima e Cavado, nascendo na serra do Oural.

O *Leça*, que nasce na Citania, e termina entre Mattosinhos e Leça da Palmeira.

Á hydrographia dos rios segue naturalmente a hydrographia da costa.

É facil esse esboço, leitor.

Uma chalupasita a vapor espera-nos a ambos, ali, ao norte, frente a Caminha, embalada pelas aguas d'esse rio, que tira, ou que dá, o nome á provincia.

Á direita, a ponta da Barbella fica-nos já em territorio de Hespanha, dominada pelo monte de Santa Tecla, emquanto á esquerda a ponta do Cabedello, arenosa, nos leva foz em fóra, tendo o rio entre ambas a largura de 250 metros.

A costa segue até á Ponte Ruiva, a 300 metros da qual ficam os ilhotes denominados Insua, separados por um estreito canal chamado Travesso, ou Carreiro Gallego.

E a nossa primeira vedeta marítima esse punhado de terra coroado por uma fortaleza em ruína, sobre cujas ameias a bandeira portugueza tremula, confiada a uns pobres velhos militares reformados.

Sigamos, que ali está a pequena ribeira do Ancora, beijando os pés a uma povoação pittoresca e logo a ponta do Monte Dor, formando restinga e depois a costa plana, chã, até Vianna, flanqueada sempre pela serra de Santa Luzia.

Estamos em frente do Castello e as aguas do Lima apparecem.

A sua foz conta na baixamar 90 metros de largura entre o Bugio, na ponta do paredão norte e o Cabedello ou ponta sul, e 300 metros na preamar. A barra abre ao SO. e tem a profundidade 3,3 nas maiores baixamars. Da ponta do norte sae uma restinga de pedras, que abriga o canal e na qual ha duas estreitas passagens, a que chamam as Portas.

Depois a S. 17.ºE. a costa segue até á foz do Neiva, 5 milhas a sul da barra de Vianna, sendo quasi toda de praia de areia, havendo porém alguns recifes de pedras.

Mais 4,3 milhas a sul, a barra de Esposende abre-se a pequenas embarcações. Ao sul da barra e ao longo da costa descobrem-se as restingas de pedra, conhecidas pelo nome de *Cavallos de Fão*.

E vae seguindo a orla até á ponta de areia, em que fica a pequena povoação de Abrammar, voltando depois para S. 30ºE. até á Povia de Varzim, onde uma pequena enseada serve de abrigo aos numerosos barcos de pesca da localidade.

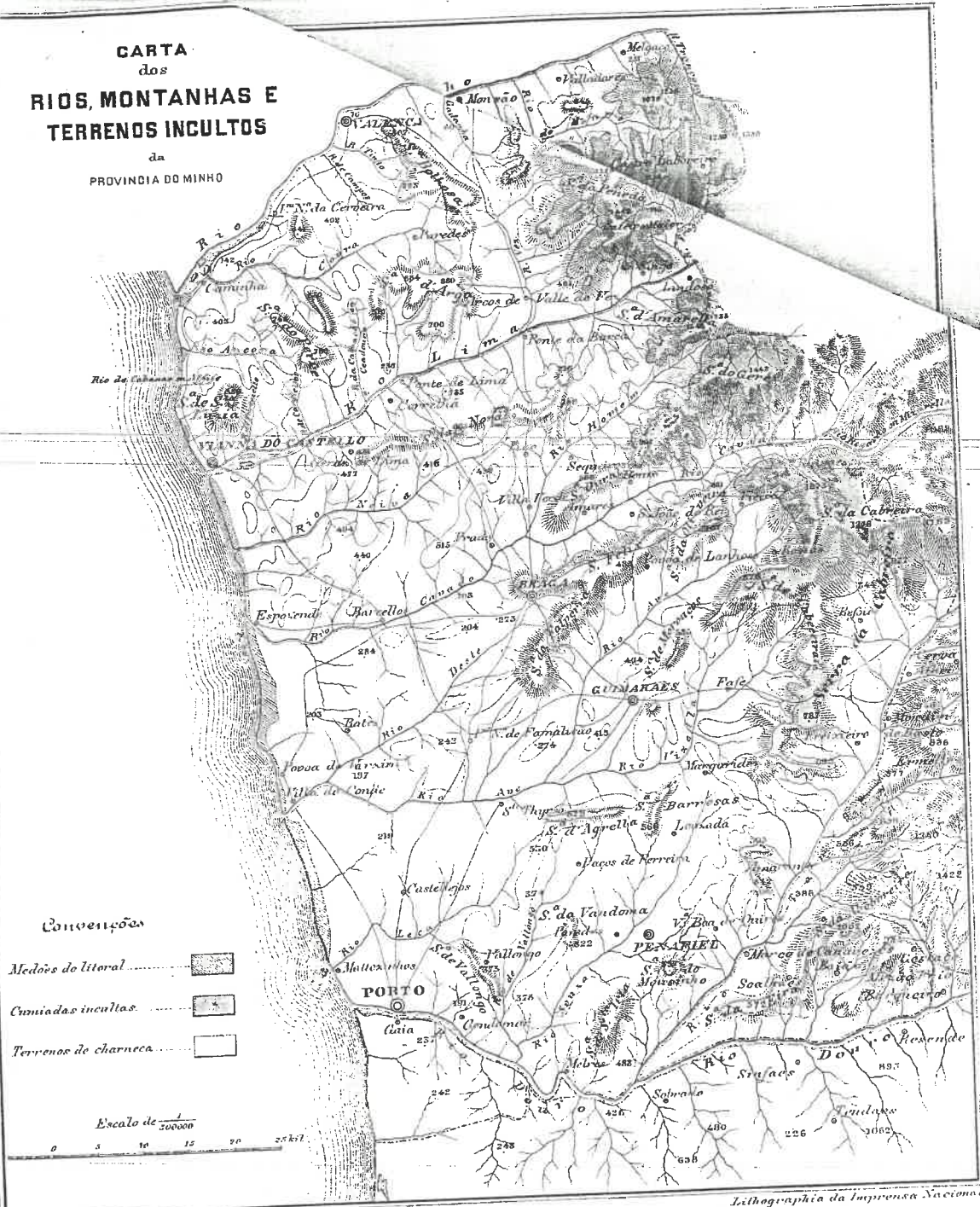
Tres milhas a sul a foz do Ave recebe navios de pequeno lote e d'ahi a costa segue formando as celebres praias de Pampelido e Mindello, até á pequena abra da Senhora da Boa Nova, onde os barcos de pesca encontram algumas vezes abrigo, abra sobre que fica eminente o penhasco cortado a pique da Senhora da Boa Nova, cuja capella alveja no alto do rochedo.

Da capella até á foz do Leça a costa é de rochas baixas e praias de areia, e assim continua até á barra do Douro, havendo apenas a uma milha de distancia os recifes de Leixões, onde hoje estão postas as esperanças da segunda cidade do reino, attendendo a que d'um porto ahi em formação resultará a sua grande prosperidade marítima, visto que a barra actual, apezar de muito desobstruida das perigosas pedras que tanto lhe difficultavam o accesso, é ainda incapaz pelas suas pessimas condições de dar entrada a navios de alto bordo.

Chalupa ao caes, que é tempo de conhecer de perto essa indistincta massa confusa, cujos contornos apenas tivemos ensejo para esboçar.

Geognosticamente o Minho é, á excepção de tres faxas de schistos dirigidas proxivamente de NO. a SE., uma terra plutonica, uma grande massa de

CARTA
dos
RIOS, MONTANHAS E
TERRENOS INCULTOS
da
PROVINCIA DO MINHO



granito, de variedades diferentes. O porphyroide é o mais abundante e fórma a longa faixa oriental da provincia desde o rio Minho até ao Marão, passando pelos Arcos de Valle de Vez e Guimarães, até se internar em Traz-os-Montes. Na Peneda e Valle do Cavado encontra-se um granito fino com mica preta; e no monte do Airó um granito de mica branca, muito empregado nas construcções em Braga. No Gerez o granito apresenta uma fórma de transição para as pegmatites, e encontra-se ahi uma variedade com feldspatho côr de rosa.

Na parte occidental do baixo Minho ha uma faixa de granitos e gneiss, desde a Povia de Varzim até ao Porto, prolongando-se ainda para o sul do Douro até Grijó. O resto da provincia é formado pelos schistos mais ou menos modificados pelas erupções graníticas e dioríticas.

Das tres faxas schistas, a mais septentrional começa em Braga, passa em Ponte de Lima, e alargando successivamente, estende-se d'um lado até Caminha e do outro até Valença, circumdando o pequeno retalho granítico da serra de S. Paio na margem do Minho.

A mais occidental começa ao norte de Esposende, passa por Vallongo, e atravessando o Douro vae encostar-se á grande massa granítica da Beira.

A ultima, um pouco central, começa nas terras de Basto, no valle do Tamega e segue para o Marão.

A faixa occidental, formada de schistos do terreno silurico superior, include ainda uma outra estreita faixa de schistos, psammites e conglomerados da serie carbonífera, com depositos de hulha, faixa que se prolonga com varias interrupções, pela Beira Alta até ao Bussaco.

Os caracteres climatológicos e agricolas subordinam-se fatalmente ás condições de terreno, que havemos descripto. A proximidade do Oceano, a constituição geologica, o abrigo das serras dão ao Minho um clima temperado, e necessariamente humido. O posto meteorologico do Porto fornece-nos as seguintes indicações geraes: Pressão media, 754,72. Temperatura media, 15,66; chuva, 1.523,1; humidade relativa, 75,8; numero de dias de chuva, 114,7. O numero medio annual de dias de nevoeiro é de 37,5; de neve ou geada, 0,3; de trovoadas, 3. As medias do ozone são: no inverno, 3,8; na primavera, 4,1; no verão, 3,5; outomno, 3,9. Os ventos dominantes são: no inverno, E. SE. S. SSO. ESE.; primavera, NO. O. SO. N. NNO.; estio, SO. NO. NNO. N. ONO.; outomno, O. SO. E. SSO. NO. A tensão media do vapor atmospherico é a seguinte: inverno, 8,14; primavera, 10,21; estio, 14,63; outomno, 11,58.

É, pois, essencialmente um clima temperado e humido, o que deve constituir o determinismo d'essa fecundidade animal, que já fizemos sentir, e da grande fecundidade vegetal, que a sua flora nos vae patentear.

Como região agricola o Norte é sobretudo caracterizado pelo centeio e milho; pela vinha, que não chegando a amadurecer completamente o fructo, ou me-

lhor que abeberada pela humidade do solo, o acidifica e torna d'um paladar picante, e produz os famosos vinhos verdes de Monsão, Amarante e Basto; pela larangeira, que nos valles do Lima e Cavado se desenvolve bem; e sobretudo pelo roble *Quercus Robur*, o carvalho de folha lisa com fundos recortes, a que a vinha se enlaça em vistosos pampanos; e pelo pinheiro, o *Pineus Pinaster*, as duas essenciaes arvores florestaes da provincia.

Mas além d'estas, que predominam e que formam por assim dizer o relevo xilographico, a cultura tem tornado numerosissimas todas as arvores fructiferas, taes como o pecegueiro, a pereira, a macieira, a cerejeira, a ameixeira, etc., de que ha infinitas variedades.

Como fauna especial da provincia pouco temos a notar; ainda assim um mammifero gentil e elegante destaca entre todos os que povoam as serras e as florestas do Minho; é a cabra do Gerez, typo infelizmente hoje quasi extincto.

Dos habitantes dos rios apenas o salmão se faz notar por apparecer unica e exclusivamente nas aguas do Minho, do Lima e Cavado.

Eis ahí fica o meio.

As condições cósmicas estão agrupadas para que o homem appareça; a vida historica principia pois; e a historia do Minho, dissemol-o já, não é senão a primeira pagina gloriosa da historia do paiz.

Determinando os elementos da nacionalidade portugueza, o sr. Theophilo Braga, um dos nossos mais eruditos escriptores criticos, escreve na *Revista dos Estudos Livres*: «O primeiro facto que resulta das explorações geologicas, é que o territorio de Portugal, e consequentemente da peninsula, teve habitantes anteriormente a todas as invasões de outras raças asiaticas, que penetraram e se estabeleceram na Europa. Pelas camadas geologicas em que se acham as ossadas e pela sua fórma anatomica, se restabelece a historia d'essa raça, que as invasões proto-aricas e indo-europeas não destruíram, mas com as quaes se assimilaram, como affirma Broca e outros eminentes anthropologistas. O que os estudos anthropologicos fazem ainda concluir tambem é, que duas raças diversas, de differença craneana, vieram uma do norte da Europa para o seu centro, outra do norte d'Africa para a orla occidental. Essa differença persiste nas raças da peninsula entre o euskariano e o ibero, e principalmente no character dos monumentos ante-historicos.»

O nosso paiz não deixou de conhecer essas duas raças diferentes e naturalmente o norte foi primitivamente invadido pela que vinha em marcha do centro da Europa, o sul pela que atravessara o Mediterraneo. A archeologia prehistorica confirma-o; assim é que as achas de bronze são muito aperfeiçoadas no Minho, tendo anneis e meia canna na parte superior, ao passo que no Alemtejo são simples e no Algarve raras.

Do cruzamento d'essas raças resultou uma civilisação rudimentar, em que

se manifestaram certas aptidões artísticas, que mais tarde se desenvolveram sob a influencia romana, como se prova pelas estatuas de pedra achadas em Lezenho (Traz-os-Montes), Vianna do Castello e Galliza.

Para o nosso ponto de vista de historia local, essa civilização rudimentar é a primeira pagina gloriosa da provincia, visto que não só as ossadas demonstram a superioridade craneana da raça do norte, como ainda os seus productos artisticos revelam a sua maior capacidade intellectual. O escriptor a que nos referimos accrescenta: «A parte mais rica de monumentos prehistoricos é o Minho, que apresenta além de numerosissimos vestigios da epocha de pedra polida, as duas chamadas Citanias de Briteiros e de Sabrosa, desde longo tempo conhecidas; Contador d'Argote considerava-as como construcção arabe, fazendo-se echo do preconceito popular, que considera todos os vestigios archeologicos do passado, indistinctamente, como do *tempo dos mouros*.

«O norte da peninsula hispanica foi o ponto de entrada d'uma outra raça mais civilizada, o euskariano; ou pelo menos, o contacto do norte da Hespanha com os iberos da Italia e sul da França, pelo triangulo da Aquitania, como explicam Broca e outros anthropologistas, estabeleceu uma communhão de progressos, que se revelam na grande resistencia dos aquitanos contra as invasões das raças aricas na Europa occidental, e mais tarde na simultaneidade do desenvolvimento das tradições poeticas provençaes na França meridional, Italia e Galliza. É tambem por estes precedentes que a Galliza foi o principal foco de cultura durante a idade media na Hespanha, e que no seu territorio se manifestaram as tenden-

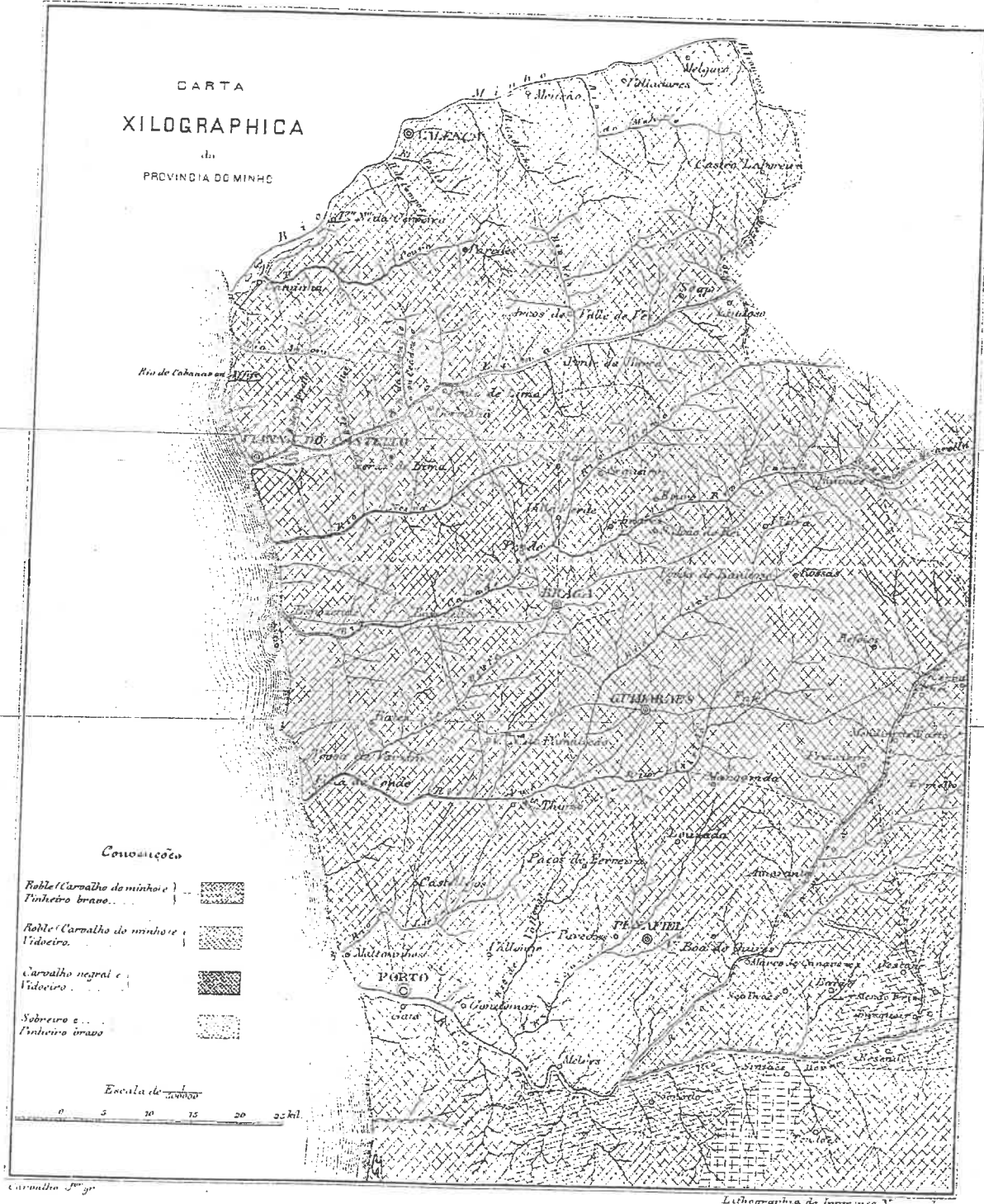
cias de autonomia social, que determinaram o momento historico da formação da nacionalidade portugueza. Esta differença ethnica, que observamos no solo ante-historico de Portugal, leva a dividil-o em duas zonas, uma verdadeiramente *galliçiana*, desenvolvida pela entrada dos ramos aricos, sendo os luzitanos os primeiros representantes d'essa migração; e outra *algarvia*, que se desenvolveu precocemente pela vinda dos phenicios á exploração metallurgica, e constituiu ao sul do territorio, que veiu a ser Portugal, a notavel civilização bastulo-phenicia.

«Ao norte da orla maritima estabeleceram-se colonias gregas, emquanto que ao sul se fixavam colonias lybio-phenicias. A Beira era o ponto de contacto e é por isso que todos os antigos escriptores consideravam a Beira como, por assim dizer, o centro dos costumes nacionaes e das tradições portuguezas e da vernaculidade da linguagem, ao passo que a organização do facto politico da nova nacionalidade só começou proximo do rio Minho, isto é, na Galliza.»

Deixando o estudo, aliás curioso, de todos os nossos antepassados iberos, celtas, etc., o que é verdade é que a fusão das raças se foi pouco a pouco estabelecendo e quando as invasões posteriores dos romanos, dos wisigodos, dos arabes se succederam, uma confusão maior se fez ainda, sem que todavia se extinguissem de todo os vestigios das cepas primitivas, vestigios que a provincia do

CARTA
XILOGRAPHICA

da
PROVINCIA DO MINHO



Minho mais que nenhuma outra conservou e que são, por assim dizer, o esqueleto em que se veste a carne do nosso viver nacional.

D. Antonio da Costa, um escriptor moderno e primoroso, diz no seu livro *No Minho*, fallando dos montanhezes do Soajo: «Na serra da Amarella se apascentam de maio a agosto os gados dos habitantes em commum, substituindo-se de tres em tres dias os pastores, tirados de cada familia, para vigiarem o gado e o livrarem das feras.» E mais abaixo: «As veigas de S. Miguel estão divididas em quinhões pelas familias, mas estas não as cultivam. A cultura e a ceifa executa-as de um ao outro extremo a communidade, recebendo depois cada familia o respectivo quinhão.» Áparte umas pequenas incorrecções, que em outro logar d'este livro teremos de rectificar, quem não vê n'esses factos e n'outros do mesmo genero, que na provincia superabundam, a tradição ethnica transmittida de herança em herança desde o celta que teve a vida da tribu até ao lavrador da actualidade, que ainda em commum executa os seus mais importantes trabalhos, como as beçadas, os linhares, as esfolhadas, etc.?

A verdade pois é que n'esse tempo ante-historico o nosso baptismo de civilisação principiou pelo norte do paiz, do que são prova, além da ethnographia, as ruinas de Citania entre Guimarães e Braga, e outras que teremos occasião de visitar.

As successivas invasões adiantaram e desenvolveram esses rudimentos primевos; e, quanto ao Minho, o facto que citamos já, e que o nosso grande historiadador Herculano refere, de se terem estabelecido nas fozes dos seus rios importantes colonias gregas, deixa prever que o cruzamento de raças impulsaria essa civilisação, dando aos habitantes d'esse ponto qualidades superiores para a grande lucta pela vida.

É um facto notavel ainda hoje o da belleza esculptural das mulheres da orla maritima da provincia, nomeadamente as de Vianna, Maia até Aveiro, e é de certo a esse cruzamento tambem, que a aptidão artistica dos minhotos é devida, especialmente a d'aquelles que demoram pela beira-mar. Um pequeno trabalho de estatística, incompleto, feito por nós mesmo, demonstrou-nos que quasi todos os nossos architectos, mestres d'obras, esculptores, estucadores, que trabalham actualmente nas duas capitães do paiz, procedem de familias originarias d'esses pontos do norte, onde a historia diz terem existido as colonias gregas.

É uma aptidão aliás que os proprios estrangeiros confessam, como fez o grande artista Roquemont, e mais o crítico Faczinsky, que diz ter observado quanto o povo do norte de Portugal se distingue pelo seu genio architectonico, o que elle attribuia ao facto geologico da abundancia da pedra.

Ahi, pois, onde o elemento arico predominava, ahi devem buscar-se as causas da nossa precoce aggregação nacional e é significativo o facto de todos os geographos antigos traçarem como limite sul da Lusitania as margens do rio Douro.

Em vista d'esse predomínio do elemento arico, caracterizado segundo Renan pela capacidade de organização social, comprehende-se como o conde D. Henrique pôde appropriar-se de todas essas forças a que faltava apenas a cohesão do momento e por meio d'ellas estabelecer a independencia do condado de Portugal.

«A população da Beira, diz o sr. Theophilo Braga, sendo realmente um solido nucleo de differenciação nacional, só veiu a constituir um estado pela iniciativa de Entre-Douro e Minho, o centro incontestavel d'onde irradiou a independencia patria.» Desde esse facto, que marca o inicio da nossa vida independente, a historia do Minho é a historia corrente do paiz.

Quizemos apenas, esboçando as suas origens prehistoricas a largos traços, affirmar esse character de raça, que ha de explicar-nos ainda tantos outros factos sociaes, como nos explicou a organização definitiva das tendencias autonomicas, que no seculo XII se tornaram um grande facto historico.

As paginas gloriosas, que a historia da provincia nos offerece depois da separação do condado portucalense, como ainda as que pertencem a periodos anteriores e que não tivemos ensejo de esboçar, havemos de uma vez por outra enquadrar-as nos braços fidalgos das localidades que fomos percorrendo, e a quem mais de direito pertencem.

Para historia geral da provincia cremos que não são poucos os florões, com que lhe temos engrinaldado os largos porticos. Umas noticias ainda sobre a sua geographia politica para empunharmos com segurança o bordão de viajante, — o unico e singelo bordão a que nos pretendemos apoiar n'esta peregrinação de *touriste* atravez da formosissima provincia. Porque, digamol-o antes de encetar as nossas jornadas, não é outro o intuito da presente publicação senão este de percorrer canteiro por canteiro o grande jardim de Portugal, colhendo de cada um a nota que nos parece mais interessante e mais adequada, ou seja sob o ponto de vista da arte, da paysagem, da historia, como da ethnographia, da estatistica, etc., mas sem que tenhamos a respeito de qualquer a velleidade de tentar resolver problemas, que só aos eruditos pertencem e que só em livros de outro genero se podem desenvolver com profundeza.

Comprehendendo as nossas excursões todo o antigo territorio de Entre-Douro e Minho, — o que constitue verdadeiramente a «provincia», — n'este trabalho incluiremos por isso o districto administrativo do Porto, embora hoje o Minho seja considerado apenas o territorio dos districtos de Vianna e Braga.

Cada um dos concelhos respectivos constituindo um capitulo em separado d'este livro, no fim de cada um apresentaremos a sua divisão em freguezias e distribuição de logares, com todas as notas estatisticas da sua população.

No momento actual basta que apresentemos, segundo o censo de 1878, a estatistica geral da população de cada um dos districtos.

DISTRICTO DE VIANNA

VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
98:444	114:136	212:580	53:979

DISTRICTO DE BRAGA

VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
149:720	180:391	330:111	80:391

DISTRICTO DO PORTO

VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
219:655	253:048	472:703	113:802

O que dá para somma total de população da provincia 1.015:394 habitantes, sendo 467:819 homens e 547:575 mulheres.

Como se vê, o sexo fragil predomina e é devido a isto que o trabalho dos campos é feito no Minho em grande parte pela mulher, a quem a lucta pela existencia torna necessariamente laboriosa.

O algarismo total da população da provincia, n'um paiz de 4.348:551 habitantes, é realmente a grande característica do Minho, que só de per si contribue com a quarta parte para o recenseamento geral.

Um viveiro da planta humana, na verdadeira accepção da palavra!

«E se o mundo, como diz D. Antonio da Costa, não é outra coisa mais que a população, se é a ella que deve a sua existencia, a sua felicidade, o seu progresso, a sua civilisação, a sua vida emfim multiplicada em milhares de ramos», ao Minho, á formosa e fecundissima provincia, deve naturalmente o paiz a maior contribuição da sua autonomia. Poder-lhe-hão outras dar maior riqueza; nenhuma lhe dá mais generosamente o seu sangue. Que, não é ainda assim a provincia aquella que menos concorre para a prosperidade da nação, pois todo esse formigueiro humano se entrega decididamente ao trabalho, se devota laboriosamente á cultura da terra e ao desenvolvimento da industria.

Deixando para cada um dos concelhos, que formos percorrendo, a nota esta-

tística da sua produção mais activa, ou da sua industria predominante, apenas algumas palavras proferiremos acerca da agricultura da provincia, attendendo a que é sobretudo este ramo do trabalho humano o que o minhoto cultiva com mais interesse e com mais amor.

— «O solo bastante accidentado da provincia, diz o sr. Pery na sua *Geographia*, a que nos temos soccorrido para estas largas notas de proemio, é, na maior parte, proveniente da decomposição dos granitos. O terreno cultivado é portanto arenoso, contendo os elementos do feldspatho e da mica, á excepção de algumas terras anateiradas das estreitas varzeas que orlam as margens das ribeiras.

A cultura estende se pelas encostas dos montes e serras, até onde a penedia lhe não oppõe barreira insuperavel. Póde dizer-se que n'esta rica provincia todo o terreno aravel está submettido á cultura. O resto ou é rocha nua, improductiva, ou maninhos que o lavrador aproveita na produção dos mattos para o fabrico de estrumes, e na pastoreação do gado miudo.»

— As irrigações são feitas por levadas ou galerias abertas nos flancos das montanhas. É ahi que o lavrador minhoto dispende o seu capital, e são as irrigações tambem a materia que mais contingente dá á criminalidade da provincia, visto que a agua é disputada sempre palmo a palmo, e... quantas vezes marmelleiro a marmelleiro.

Laborioso e assiduo, o minhoto cultiva a terra com uma grande sollicitude amorosa, e o seu systema de cultura seria o melhor do paiz, se a esses extremos de cuidado correspondesse a perfeição dos processos modernos e o emprego das machinas agricolas, com uma instrucção pratica bem-diffundida, e sobretudo intelligentemente adequada á cultura local, visto que a grande divisão da propriedade no Minho, que o fôro esgota ainda como um cancro economico, obsta ao emprego de recursos faceis em outros pontos do paiz.

Um dos ramos que vae adquirindo largo desenvolvimento é o da criação e engorda do gado bovino; mas n'isto mesmo, quantos esforços mal dirigidos e quanto mal comprehendida é a economia agricola.

A vinha cultiva-se hoje mais intensamente; predomina o systema das *lata-das* e o das *uveiras*, ou arvores a que os pampanos se enlaçam, segundo o antigo processo romano, e a que se chama na localidade a *minha de enforcado*.

Paremos.

Como n'um vôo de phantasia perpassou diante dos nossos olhos, emmoldurada na fugitiva linha da sua viridente paysagem, a perspectiva encantadora, ao mesmo tempo historica e pittoresca, d'esse jardim de Portugal. É tempo de percorrer as suas aleas, de examinar canteiro por canteiro, de escutar os segredos das suas florestas, ouvir o murmurio dos seus rios, os canticos das suas aves, as tradições do seu povo, a historia dos seus monumentos.

De norte a sul.



MELGAÇO



Uma choça em Castro Laboreiro — Desenho do natural por João de Almeida

Um velho burgo-feudal, que se transforma, á força de desejar a luz fecundíssima da civilisação. Aquella torre de *menagem*, erguida como recordação do passado no meio das muralhas em ruina e das casarias, que affloram á côr do branco, tem ainda um aspecto de rude tristeza selvagem; é triste, e é forte, como um antigo guerreiro da Lusitania. Olhando para essa fita de macadam que lhe chega do sul, e para essas tiras d'aço da via ferrea, que vê desenrolar-se na margem gallega, dir-se-ia que ella sonha talvez com as escaladas nocturnas, as luctas peito a peito, os combates singulares da idade medieval, o scintillar coruscante das armaduras dos guerreiros.

E comtudo, quando avistamos de longe o seu vulto sombrio e glorioso, erguendo-se altivo por sobre a povoação, a nossa pupilla fixa um ponto branco nas suas ameias, como bandeira de paz, que substituiu os estandartes da guerra.

—É um marco geodesico,—verificamos quando chegamos perto,—isto é, um padrão que attesta o trabalho moderno da sciencia, mas que os

angulos da torre sustentam, sem manifesto ciúme do seu passado de lucras. E eis ali o que é Melgaço: — a vontade firme de progredir com o desejo de conservar as suas tradições honrosas, de que essa torre, melhor que nenhum outro monumento, representa o symbolo aos olhos dos contemporaneos.

Collocada no centro d'um amphitheatro de verdura, onde a vinha enche com a sua côr de esmeralda clara quasi todas as bancadas, d'esse logar avistam-se as freguezias do concelho, que se estendem pela ribeira Minho e cujos campanarios recortam, com as suas arestas pittorescas, a espessura dos arvoredos. Ao sul, a montanha como que nos dá ainda a sua sombra fresca; e em baixo, ao norte, na garganta das collinas, o Minho vae açodado, espelhando apenas um ou outro sorriso, quando vê na margem um esboço de planicie namoral-o com a sua inclinação de leito suave, que o convida a descançar um pouco.

A encosta gallega com as suas vinhas, as suas arvores, os seus casaes, as suas torres desmornadas e vicejantes de hera, o anil recortado do alto das suas montanhas succedendo-se em gradações insensíveis, completa a paysagem, tão bella nas suas linhas simples, tão formosa na sua melancholia fugitiva.

De fundação antiquissima Melgaço, ignora-se quem fosse o seu primeiro fundador e qual fosse tambem o seu primeiro nome; sabe-se apenas que os arabes, se não os romanos, tiveram aqui uma fortaleza consideravel, chamada o *Castello do Minho*, que era já ruinas no tempo do conde D. Henrique.

Modernamente, a sua fundação é coeva do principio da monarchia portugueza e foi Affonso Henriques que a ella procedeu, em 1170, como se vê d'uma inscripção na porta do norte da actual muralha, sendo todavia a torre e fortaleza mandadas edificar por D. Pedro Pires, prior do mosteiro dos cruzios de Longosvalles, e á sua custa, como diz D. Sancho I na carta de couto que deu ao convento em 1197:

D. Diniz ennobreceu tambem Melgaço com a cinta de muralhas, de que hoje ainda se encontram os vestigios e que eram de pouco mais de dois metros de altura.

O primeiro foral foi dado á villa por D. Affonso Henriques em 1181, dando já então aos seus moradores a aldeia de Chaviães. Este foral foi, em S. Thiago, confirmado por D. Affonso II em agosto de 1219; e, pela segunda vez, em Guimarães por D. Affonso III a 9 de fevereiro de 1261. Este mesmo rei lhe concedeu ainda outro foral, em Braga, a 29 de abril de 1258 e novo foral lhe deu mais tarde em Lisboa D. Manuel a 3 de novembro de 1513.

A villa actual entra decididamente no caminho da civilisação.

A estrada, que a liga a Monsão e Valença, é hoje a sua principal arteria, mas os melgacenses desejam ainda, e com justiça, que as povoações que lhe ficam mais a norte como são S. Gregorio, por um lado, e Castro Laboreiro, pelo outro, communguem egualmente no grande banquete de progresso e luz, a que teem direito.

Pobres parias os tristes filhos da serra, para chegar aos quaes urge atravessar as mais desabridas montanhas, por caminhos intransitaveis, espiados pelos olhares cubiçosos dos lobos, que são os unicos guardas campestres d'aquelles solitarios terrenos.

Melgaço possui um hospital em condições muito regulares e ha pouco tempo tambem concluiu o seu cemiterio. A linha telegraphica foi inaugurada no meio do maior regosijo em novembro de 1874. Comprehendia o antigo e glorioso burgo a importancia d'essa via de communicação, que o relacionava com o mundo inteiro.

Hotel, em Melgaço, escusas de procural-o, meu amigo; o proprietario da Hospedaria Melgacense, entendeu e entendeu bem, que não precisava abastardar a lingua patria com mais um gallicismo inutil para baptisar a sua casa de hospedes. Podes todavia entrar sem receio n'essa hospedaria honesta e limpa, porque, se te falta na taboleta o sabor francez da palavra *Hotel*, não te faltará em compensação á meza o sabor dos appetitosos bifés de presento que ali té servem, como um prato especial da terra!

O presunto de Melgaço!

~~Que epopeia seria necessaria para descrever-lhe o paladar fino e delicado, o aroma gratissimo, a cor de rosa escarlata, a frescura viçosa da fibra!~~

Houvera-o provado Brillat-Savarin com aquella boa vontade de almoçar que eu e os meus companheiros de viagem levavamos depois d'uma alta madrugada com boas oito horas de trabalho e marcha, e a sua *Physiologia do gosto* teria hoje de certo o mais succulento e o mais brilhante de todos os seus capitulos!

Alimento solido e forte, puxavante do verde, que na localidade não tem já o avelludado de Monsão, o presunto de Melgaço, conhecido em todo o paiz, é por assim dizer a synthese da physiologia local.

Valido, robusto, agil, com o sangue puro bem oxygenado a estalar-lhe nas bochechas rosadas, o melgacense genuino destaca-se dos habitantes dos outros concelhos proximos, a ponto de ser entre estes vulgar a phrase de:—Ter cara de presunto de Melgaço—quando se falla de alguem com as boas côres da saude.

Apezar, porém, de todas as tuas deliciosas qualidades, ó appetitoso quadril suino, força é esquecer-te, como a todas as cousas boas ou más d'este mundo, a fim de nos bifurcarmos no sellim duro dos magros roci-nantes, que á porta da hospedaria nos esperam para nos conduzir a Cas-tro Laboreiro.

*
* *

Eram meus companheiros de excursão João de Almeida, o artista que illustra o maior numero das paginas d'este livro e Abel Seixas, aspi-rante da alfandega de Vianna, então licencceado e conhecedor pratico da localidade, porque na delegação de Melgaço havia feito serviço.

O guia, calçado com os grossos tamancos, cujo specimen se encon-



Tamancos de Melgaço — Desenho do natural por J. de Almeida

tra na gravurasinha de texto, ia secundado por um valente rapazito, que teve a audacia de aguentar a pé a ida e a volta, para se não separar do cavallito rinchão que nos havia alugado.

O dia, não obstante estarmos em pleno verão, apresentára-se um pouco fresco, o que nos animava á longa caminhada através das asperezas da serra.

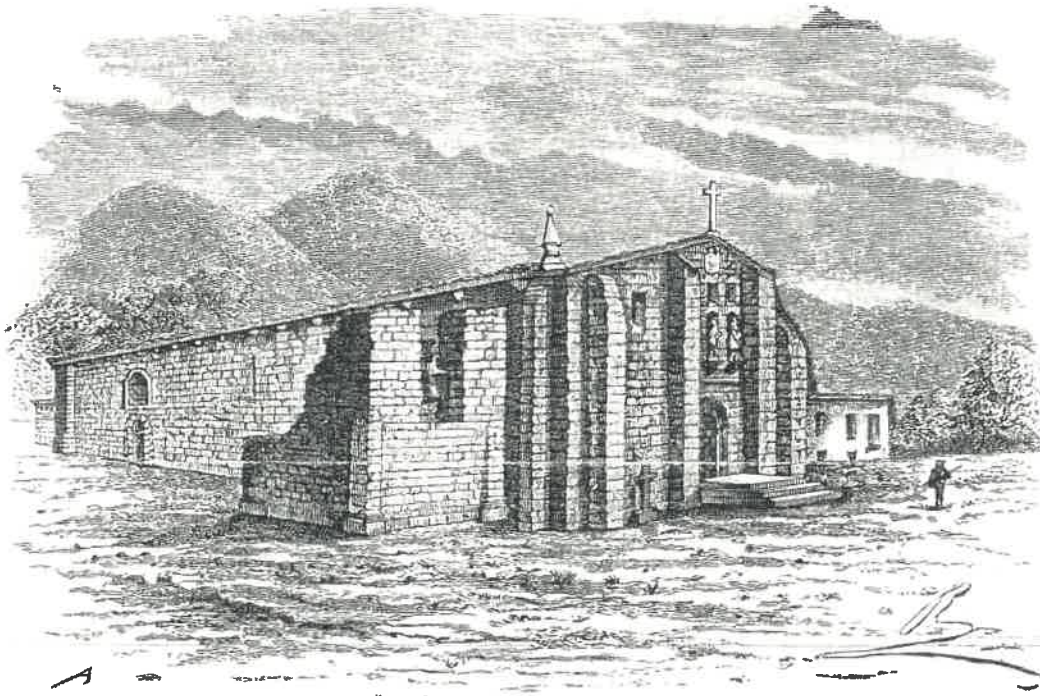
— Tres leguas, — nos dizia o guia, que tinhamos a percorrer, mas se tu sabes, leitor, o que são as antigas leguas da provincia, podes bem calcular, que teriamos pelo menos na nossa frente uma distancia de 25 kilo-metros por detestaveis veredas!

A ascensão principia logo ao sahir de Melgaço, amenisada na encosta pela frescura viçosa do arvoredado, arida e fatigante depois que se está em plena serra.

Atravessamos o pittoresco logar de Cavalleiros, onde existe a capella

da Senhora das Dores, cuja festa se realisa em setembro, e que domina um pequeno mas formoso valle, e assim vamos caminhando, levando á esquerda a montanha, e á direita os pequenos taboleiros arrelvados, que descem até ao regato de Souto dos Loiros, sobre cujas margens se levantam frondosos soutos de castanheiros. Passamos em Cabana e vêmos na baixa as pastagens de Lobió, d'um verde esmeralda macio e tenro.

Estes logares pertencem a *ROUSSAS*, cuja parochial igreja nos fica á direita.



Igreja de Fides, segundo um «croquis» do sr. José Pedreira

Roussas era padroado da antiga casa do Paço de Roussas e no logar —chamado do *Paço*— se vêem ainda as ruínas do antiquissimo edificio, em parte ainda hoje habitado. Este padroado passou depois para Manuel Pereira (o mil-homens) de Monsão e o solar para os Castros de Melgaço, e mais tarde para os arcebispos de Braga.

O territorio da freguezia abrange 7^k de comprido por 5^k de largo, estendendo-se desde a encosta O. da serra de Pernidello até junto das muralhas de Melgaço, cujas primeiras casas lhe pertencem. Os seus valles são fertilissimos e é precioso o seu vinho verde de Barreiras e Valle de Cavalleiros, em nada inferior ao de Monsão. N'esta freguezia e sobranceira

á villa está a grande quinta, que foi do mosteiro de Fiães e que é uma bellissima vivenda.

A igreja matriz é uma das mais amplas do districto, tem altar-mór e quatro lateraes, sendo as imagens de boa esculptura, especialmente a da Senhora da Soledade, de tamanho quasi natural e offerecida á freguezia pela benemerita familia Salgado, aqui residente. A torre é bastante elevada, com dois sinos; no coro, de espaço regular, existe um pequeno orgão. Por uma inscripção em lapide existente na parede exterior da capella-mór se vê, que o templo foi fundado em 1690 pelo abbade Braz d'Andrada Gama. O sitio é formoso, os horisontes largos; e na festa da padroeira, a 18 de julho, a romaria, concorridissima de gente dos arredores e da Galliza, que á santa vem trazer grande numero de offertas para que os preserve de sezões, espalha-se alegremente pelo vasto terreiro ao sul da igreja, assombreado por castanheiros gigantes.

Além da capella que já mencionámos, Roussas tem ainda as seguintes: *Santa Rita*, em Villela, com missa aos domingos e dias santificados. É publica. *Nossa Senhora da Conceição*, no Cotto do Preto. Tem uma bem esculpida pedra d'armas sobre a porta principal. É particular. *Santo Antonio*, no lugar da Corga, particular. *S. João Baptista*, no lugar do Fêxo, idem. *Nossa Senhora da Graça*, a poucos metros da antecedente e a melhor de todas, tanto pela sua posição eminente á villa, como pela magnifica pedra de cantaria de que é construida. Do monte, em que ella assenta, sae todo o granito para as construcções dos arredores.

A ermida foi fundada em 1594 pelo abbade Tristão de Castro em cumprimento d'um voto, cuja lenda é analoga á de D. Fuaes Roupinho, pois ha para assustar o cavalleiro e o cavalló um phantasma monstruoso, que faz desatinadamente correr o animal por soutos e ravinas, com grave risco da integridade anatomica do padre.

Serra acima, o horisonte é encantador para os lados de Melgaço e Galliza, e como que *á vol d'oiseau* se dominam as encostas e pequenos valles, onde os campanarios destacam as suas agulhas brancas. O Minho corre em baixo, como serpente em voltas sinuosas; e, para o norte, as serras de Galliza vão-se indistinctamente fundindo no indigo esfumado da atmospheria.

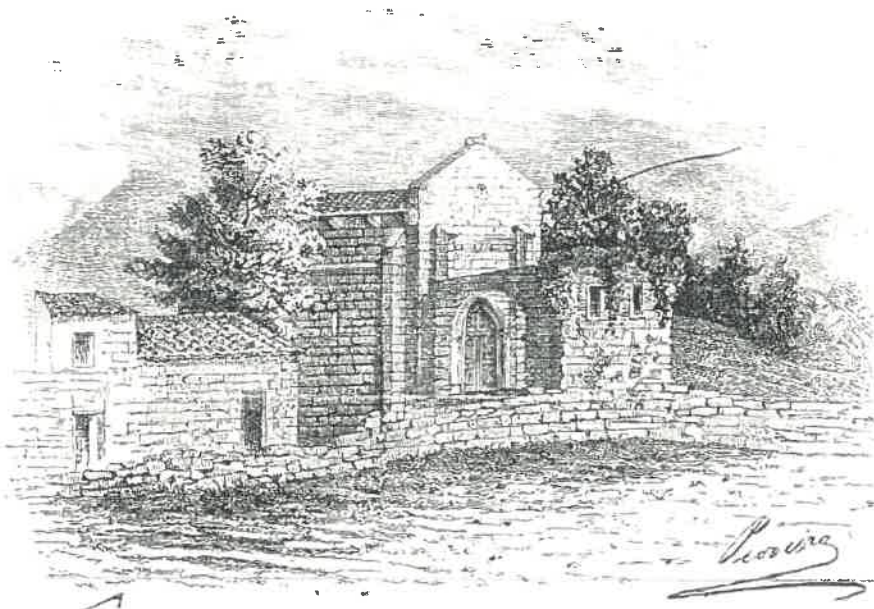
Dobramos a montanha; o horisonte largo desaparece e logo na encosta *Villa de Conde*, logarejo pertencente a *FIÁES*, principia a dar o toque de melancholia ás nossas impressões, até ahi cheias do verde-claro da vegetação, dos sussurros da agua, do espelhar dos rios, do pittoresco das aldeias.

Parece que entramos n'uma região inhospita e selvagem; os cães re-

cebem-nos com latidos furiosos, as casas escondem-se como choças humildes na sua côr escura, a vegetação rareia.

E assim vamos, ora subindo, ora descendo pelos torcicolos da montanha, até que ao fundo, n'um valle estreito, Fiães se nos apresenta, brumosa e triste, carregada na côr, como uma velha ruína abandonada.

Em frente fica o lugar da Jogaria, a ella pertencente, mas um pouco mais alegre com os seus tons verdes de prados humidos: vadeamos um regato e eis-nos no terreiro orlado de vidoeiros e olmos, de castanhos e robles, com bñcadas de pedra e chafariz de optima agua, contiguo ao



Ruínas do mosteiro de Fiães, segundo um «croquis» do sr. José Pedreira

adro do antiquissimo mosteiro e onde se faz em 11 de julho a mais estrondosa romaria das povoações serranas.

A industria de Fiães é agricola e pastoril; recolhe algum centeio, milho miudo, nabos, castanha, e tem muitos gados e caça grossa e miuda, especialmente na floresta das Ramalheiras.

Uma nota . . . de Savarin.

O presunto, aquelle magnifico presunto de Melgaço, cujas deliciosas qualidades te descrevi, leitor amigo, é especialmente curado em Fiães, onde o preparam sem sal, receita talvez d'algum monge epicurista, que a graves locubrações se entregou para mimosear o paladar delicado de qual-

quer D. Abbade do mosteiro, ou de algum dos principes ou infantes, que ali estivera de visita.

Pinho Leal, um trabalhador infatigavel que a morte arrebatou antes que lograsse ver o fecho do seu colossal *Diccionario* a que muitas vezes, fique dito para sempre, iremos buscar valiosos subsidios, diz que a palavra Fiães vem do portuguez antigo *Fian*, *Fiaã*, *Fiaam*, *Ffia*, *Sfiaã* ou *Fiada*, e significa vaso de barro chato e redondo. a que depois se chamou *Almofia*. Servia antigamente para pagar certa medida de cereaes e tambem de manteiga. 16 fiães faziam um alqueire. É provavel,—acrescenta,—que aqui se pagasse este fóro, pelo que se dizia *terra de Fiães*,—ou que houvesse aqui oleiros que fabricassem as *fians*, especie de alguardar de barro, com a capacidade para dois quartilhos.

O que, porém, tornou Fiães notavel, foi o seu mosteiro, de que hoje só por assim dizer o templo attesta a munificencia.

Foi na volta de Castro Laboreiro, quando o luar espargia a sua melancholia doce sobre a serra, que visitámos essa gigantesca ruina, testemunha coeva da antiga piedade christã.

A architectura gothica pura revela-se clara nas formosas columnatas da entrada principal e nas arcarias elegantes que sustentam o tecto da igreja vasta e ampla, áquella hora phantasticamente illuminada pelos raios do luar, de dia naturalmente com a penumbra pallida dos velhos templos gothicos.

As cornijas e cimalthas são ornadas de differentes figuras mais ou menos phantasiosas.

Junto do altar de S. Sebastião está o elegante tumulo de Fernão Annes de Lima, pae do primeiro visconde da Cerveira.

O mosteiro, de frades bentos a principio, é antiquissimo; pois em 851, no tempo de Ramiro II e sua mulher Paterna, se encontra já noticia d'elle. Consta que era o mosteiro mais rico das Hespanhas; tinha fóros e rendas no Minho, Traz-os-Montes e Galliza. Na igreja havia *Lauspereñne*, na rigorosa accepção da palavra, isto é, exposição ininterrupta do Sacramento durante o dia e noite; 80 religiosos de missa, além dos conversos, minoristas, etc., colmeavam o riquissimo mosteiro, onde alguns principes, infantes e muitos fidalgos gallegos e portuguezes tiveram sepultura, e a que fizeram doação de rendas e propriedades.

O primitivo edificio, que mais de tres seculos existiu em grande prosperidade, foi destruido por um pavoroso incendio, sendo depois reconstruido por Affonso Paes e mais seus dois irmãos, que o doaram aos religiosos d'Alcobaça. Como no incendio ardessem todos os papeis do cartorio, muitos foreiros sonegaram depois os seus titulos, sendo preciso que

~~a energia de Alvaro d'Abreu arcasse com os mais poderosos para restituir
essas rendas ao mosteiro.~~

Em 1151 a ordem passou a Bernardos, e, para se instruírem nos preceitos do novo instituto, mandaram buscar um religioso a Alcobaça, fundando, em honra da villa capital da ordem, o proximo logar de *Alcobaça*, com a sua capella de S. Bento. O convento era coutado talvez do seu principio, pois já o nosso primeiro rei lh'o confirmou, assim como seu filho Sancho I.

O D. Abbade tinha jurisdicção episcopal metropolitana com recurso sómente para o Pontífice. O provisor, nomeado pelo D. Abbade, recebia directamente os breves apostolicos. O arcebispo de Braga não podia aqui fazer visitas, nem na Ourada de Melgaço; e tão pouco o bispo de Tuy as podia fazer em Azureira e Lapella, que, apesar de serem logares do seu bispado, estavam sujeitas ao mosteiro, como ainda hoje o estão para os effeitos ecclesiasticos, apesar de pertencerem á Galliza para os effeitos civis.

As quintas da Ourada e Cavalleiros foram doadas em 1166 ao convento, sendo abbade D. João, pela condessa D. Frovilla.

Ainda no fim do seculo XVI tinha este convento a apresentação de vinte abbadias, entre as quaes Lamas de Mouro, Christoval, Chaviães, Santa Maria da Porta da Villa e Villela dos Arcos; tinha tambem a de Paderne, na Galliza, e muitos coutos, que os commendatarios aforaram a varios fidalgos.

A casa de Bragança pagava ao mosteiro um *florim d'ouro* pelas aldeias de Villarinho, Fezes de Juzão e Mondim e pelos padroados das egrejas d'estes logares, proximo a Monte-Rei.

Na Galliza tinha o couto de Freyxomø, junto de Alhariz, que ao mosteiro doára Fernão Peres, aqui fallecido, e pelo qual recebia annualmente 600 maravedis de prata. Possuia ainda ahi os coutos de Coghina, Asperello, Gancêros, Requeixo e Rio Frio, em Vigo, afóra fazendas e granjas, dispersas em varios pontos.

O D. Abbade tinha, *de direito* de condado, todas as cabeças da caça real morta no couto; e os moradores d'este eram isemptos do pagamento de *fontas* ou *pedidos*, ainda mesmo feitos pelo rei. Essa riqueza pródiga, que dera causa á affirmacção popular de que n'estes reinos ninguem, depois do rei, era mais rico que o D. Abbade de Fiães, foi-a pouco a pouco reduzindo o tempo, esse verme destruidor das grandes obras do homem, e a indiferença, o abandono e o scepticismo do seculo completaram o aniquilamento do vetusto mosteiro, onde o incenso ardia noite e dia, os canticos dos religiosos se misturavam continuamente ao som plangente

do órgão, e o povo concorria nas tribulações cruciantes da sua fé e nos regosijos intimos da sua piedade.

Não somos nós, homem novo; que lamentamos esses tempos de santa e candida ignorancia, em que o trabalho era o latego do villão e a riqueza o patrimonio de poucos. Abre-se hoje livremente o horisonte a todos os esforços dignos, a todos os luctadores com fé na nova religião do trabalho; mas o que não podemos deixar de censurar é que por isso mesmo, que tem tantos reflexos de ouro a bella aurora da liberdade moderna, se votem a um desprezo vandalico esses documentos vivos das civilisações derruidas, e que os governos façam, como a respeito do mosteiro de Fiães, a *venda por todo o preço* e mesmo a retalho, em hasta publica, da pedra das paredes, das columnas, arcarias, telhados, portas, janellas, varandas, grades, etc.!

Monstruoso simplesmente!

E assim é que a ruina, a devastação e o silencio cobrem hoje com a sua nota de desolação triste o velho mosteiro de Fiães, á hora em que o visitámos mais triste ainda, mergulhado, como estava, nas poeticas sombras do luar, que se entornava pela serra na sua melancholia casta.

A oeste do convento rebenta um manancial de aguas ferruginosas, não analysadas ainda e a que os povos d'ali attribuem virtudes medicinaes, tendo havido em tempo uns tanques para banhos, que a auctoridade teve de mandar fechar por causa dos conflictos a que dava logar a concorrência.

Deixando Fiães, continuamos a ascensão da serra de *Pernidello*, ramificação da Peneda, e do alto da qual se avista grande parte da Galliza na extensão d'uns 40 kilometros, chegando a divisar-se Orense ao norte e Tuy ao sul, e a descobrir-se a oeste uma larga extensão do Oceano, comprehendendo-se ainda n'esse largo panorama as villas de Melgaço, Monção, Valença e Caminha.

Magestoso!

Apezar de ser verão, o frio na serra principiava a atravessar muito pouco cerimoniosamente a nossa pelle.

Uma neblina densa corria dos lados da Peneda e a chuva era já por nós esperada, como o capitulo final d'essa ameaça bruinosa.

O caminho era estreito, tortuoso, pessimo; á nossa direita a montanha subia sempre; á nossa esquerda os planos inclinados da aba da serra, as ravinas profundaes, os abysmos insondaveis faziam-nos vigiar cuidadosamente qualquer mau passo dos animaes, que podia precipitar-nos no fundo d'esses leitos de morte. Foi então que presenciámos um dos mais brilhantes phenomenos atmosphericos de que temos idéa.

O sol batia de chapa nas montanhas da Galliza, que nos corriam paralelas e quando a chuva principiou, o effeito da refracção da luz solar atravez d'essa neblina gelada, cahindo sobre a vegetação montesinha, acendeu uma como que immensã cúpula phosphorescente, suavissima de côr, e a que só podemos comparar um immenso foco electrico de Jablorkoff com a sua luz pallida coada atravez d'um globo roxo.

Esplendido, unicamente esplendido, a ponto de nos fazer esquecer a chuva que já cahia grossa e os abysmos que nos ficavam aos pés.

Toda a serra fronteira mergulhava n'esse banho de luz electrica d'um roxo suave, e como que envolvidos n'esse manto feerico os humildes logares de Pousa-folles e Porto Carreiro, ao fundo, na garganta da montanha, onde o rio Trancoso limitava a raia dos dois paizes, pareciam significar-nos na sua humildade obscura uma boa saudação fraternal, a nós viajantes, mais encendrados por certo na grande luz da civilisação, mas incomparavelmente inferiores na posse d'essa outra luz tão formosa, que alimentava a sua vida de humildes — a boa e grande natureza.

Descendo a serra, chegamos a uma encruzilhada para a esquerda da qual nos fica Alcobaça, cuja origem já conhecemos, povoação modesta, como todas as da aba da montanha, mas um pouco superior a algumas d'ellas ainda assim, visto que as mulheres se entregam aos trabalhos de tecelagem e são as melhores tecedeiras d'aquelles sitios.

No logar festeja-se em agosto a Senhora da Vista.

Tomando pela direita da encruzilhada e deixando o caminho de Castro, por um pouco, vamos dar a *LAMAS DE MOURO*, cuja igreja foi dos Templarios, sendo os moradores d'aqui privilegiados da ordem.

Nasce na freguezia o Rio de Mouro, pequeno confluyente do Minho, provindo-lhe o nome de ter as suas origens n'uma coutada que ahi possuia para caçar o emir arabe Juzão, a que em outro logar teremos de fazer referencia.

Lamas de Mouro foi o campo de combate em que Affonso o Casto, de Leão, ou melhor o seu parente e vassallo Bernardo del Carpio desbaratou a Ali-Atou, rei de Cordova, causando-lhe uma perda que os historiadores credeiros calculam em 70.000:000 homens!

O sitio da batalha ainda hoje conserva o nome de *Lucto* ou *Lagrimas de Mouro*.

É tradição tambem, que por esta freguezia entrou em Portugal Af-

fonso VII de Castella, em 1129, para dar a celebre batalha, em que ficou derrotado—a da Veiga da Matança—junto a Arcos de Val-de-Vez, e que é uma das primeiras datas da independência portugueza. A essa tradição teremos de referir-nos no capitulo dos Arcos.

Por Lamas de Mouro entrou egualmente Vicente de Gonzaga, quando veiu sitiar Valença em 1657.

Da igreja para o sul fica a Portella do Lagarto. E já agora, meu amigo, que nos desviámos do caminho directo para Castro, vou dar-te uma descripção succinta das outras freguezias montesinhas do concelho, que o Rio de Mouro separa, tendo sobre a margem esquerda Parada de Monte e Gave, e sobre a sua direita, embora muito na serra, Cubalhão e Couso.

A igreja de *PARADA DE MONTE* fica um kilometro ao sul do Rio de Mouro e dista de Melgaço uns dez kilometros; foi reitoria que o reitor de Riba de Mouro apresentava e pertencia ao extincto concelho de Valladares. A freguezia é montanhosa e especialmente se entrega á industria do gado ovino, sendo muito apreciada a sua lã para a fabricação dos bureis e cobertores. Em Valle de Poldras, limites da parochia, houve um couto, que marcou e defendeu Paio Rodrigues de Araujo e que no anno de 1720 era ainda possuido pelo seu 6.º neto Manuel de Araujo Caldas, de Valladares, mas já muito desfalcado das regalias e privilegios antigos.

GAVE, fica ao norte de Parada, em terreno accidentado, e, como esta, sobre a margem esquerda do Rio de Mouro, de que dista approximadamente um kilometro. Foi vigararia, que o reitor de Riba de Mouro apresentou, e como Parada pertenceu tambem ao extincto concelho de Valladares.

Tomando a estrada antiga que de Castro Laboreiro seguia para esta villa sobre a margem direita do rio de Mouro, mas já em plena serra, encontra-se na confluencia d'essa estrada com a que segue para Melgaço, *CUBALHÃO*, que outr'ora pertenceu tambem ao concelho de Valladares e foi curato do mosteiro de Paderne, recebendo o cura apenas os *benesses*.

No sitio do crasto encontram-se vestigios de fortificação antiga, que, por não estudados ainda, não se sabe a que epocha attribuil-os, sendo porém provavel que sejam mais um marco da civilização romana na península.

A freguezia e apenas fertil em centeio.

Um pouco mais adiante, estende-se n'um pittoresco e fertil valle *COUSSO* ou *COUÇO*.

Era tambem do termo de Valladares, mas da comarca de Valença. O prior dos cruzios de Paderne apresentava annualmente o cura,

que recebia 60000 réis do prior. 20000 réis da commenda de S. Pedro de Riba de Mouro e as rendas do pé d'altar.

O riacho Estadella atravessa Couço e vae lançar-se no Rio de Mouro.

A palavra Couço parece vir do arabe *cançon*, arco, que servia para arremesso das settas. Os latinos escreviam *Kauso*.

*

* *

Retrocendo pelo caminho andado eis-nos de novo junto de Alcobaca e d'esta vez em direcção seguida para Castro Laboreiro.

O rio Trancoso esgotou-se já e a raia secca principia, delimitada de distancia em distancia por uns marcos quadrilongos de granito.

Que impressão fez em nós essa pedra humilde, collocada entre as estevas da serra, ao mesmo tempo hespanhola e portugueza!

A raia liquida parece ainda uma separação natural; a gente comprehende a sua independencia; o nosso pensamento como que vae formulando a phrase:

—De cá nós! de lá vós!

Mas quando essa fronteira natural termina, e quando em plena serra se encontra apenas um ou outro marco collocado pela mão do homem, sem que a vegetação se differenceie, ou sem que a paisagem seja diversa, o espirito mal póde seguir essa linha ideal de separação, e como que desejaria que aquelle curso d'agua, ainda ha pouco tão humilde, tivesse continuado a acompanhar-nos para murmurar a cada passo, na voz ciciante da sua corrente, a palavra patriótica de Independencia.

—Além está Castro!—apontou-nos o guia—aquillo é o castello!

Estavamos n'um alto; a vegetação luxuriosa do Minho era para nós um sonho já; nem uma arvore de fructo, nem uma pequena matta de pinheiros; o cavallo era rachitico, um metro apenas de altura, as urzes estendiam-se por toda a parte, onde as fragas lhe não impediam o desenvolvimento.

Penedos caprichosos, agglomerações graniticas de fórmulas phantasticas á direita e á esquerda, em frente de nós e pela rectaguarda. Uma verdadeira garganta de granito. E lá ao fundo, como um vulto sombrio, o castello de Castro, ericado nas suas arestas agudas.

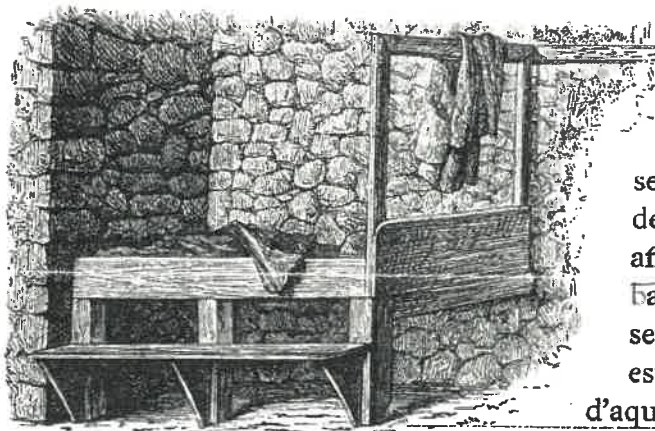
A paisagem melancholica, o céo brumoso, a pedra afflorando por toda a parte, um ou outro bozinho barrozo equilibrando-se por entre as estevas! Nem o gorgeio d'uma ave, nem o cantico pantheista da agua corrente.

Atravessamos a Portelinha, cujas casas são já como as de Castro

Castro cobertas pelo colmo e giesta; e depois, n'um piso mais regular, em dois ou tres kilometros de valle, serpenteado por um riacho, em cuja margem apenas os vidoeiros vegetam, alcançamos as primeiras casas de CASTRO LABOREIRO, da villa, como nos indicou orgulhosamente o primeiro castrejo que encontrámos.

A nossa casa de refugio foi o posto fiscal; graças á obsequiosidade d'esses humildes funcionarios, ali desterrados, conseguimos alojar os animaes e relacionarmo-nos com aquella pobre gente semi-selvagem e desconfiada, que nos olhava como a personagens raros e curiosos, e que se perguntava uma á outra — o que iriamos nós ali fazer — como se gente civilisada não visitára a sua terra, senão para attentar contra alguma immunidade local.

O tempo urgia e enquanto João d'Almeida, o desenhador d'estas paginas, se curvava sobre o seu album para apanhar um grupo de creanças e duas ou tres raparigas que se prestaram a *poser*, rodeado pelos mirones que affluíam em volta do seu



Leito usado em Castro — Desenho do natural por J. de Almeida

banco de trabalho e dos seus lapis coloridos, eu estudava o interior d'uma d'aquellas cubatas, onde o fumo quasi me asphyxiou a principio e conversava com

uma pobre mulher doente, coberta com o seu manto de burel, sentada ao lar, onde se aconchegava estupidamente com fortes calafrios de febre.

Nada mais sordido que um d'esses interiores de Castro e nada mais humilde tambem! N'um angulo da parede, quasi sempre uma rocha viva, fórma-se o leito, o mais economica e singelamente que é possível; dois barrotes de madeira unidos entre si em angulo recto, formam com as paredes um quadrilatero, sobre que elle assenta. A um d'esses barrotes está appenso um banco, ao outro um quadrado que serve de guarda-roupa, formando tudo como que uma só peça inteiriça, de que a gravura dá uma idéa bem clara.

N'esses leitos não havia lençoes! É um luxo de civilisação, que o castrejo ainda não conhece; as mantas grosseiras de burel constituem as unicas roupas, com que se cobre!

A um dos lados, n'uma cova aberta na terra, está o lar, á volta do qual ficam os escabellos, em que a família se senta para conversar ou comer; como os tectos são de colmo ou giesta e não ha tiragem por meio de chaminés, usam, para evitar os incendios, alguns ramos interpostos entre o fogo e o tecto, que recebem as primeiras faiscas de lume, onde ordinariamente se convertem em fuligem, e que rapidamente são retirados, se acontece de incendiarem-se.

Annexò a este interior, o que ha de mais sordido, de mais negro pelo fumo, e de mais anti-hygienico, ficam as côrtes para os gados.

A castreja, com quem conversavamos, assim como todas as que se relacionaram connosco, era de tracto affavel e simples, modesta e com uma physionomia expressiva. Em todos encontrámos uma regularidade de traços, formando um conjuncto agradável e sympathico, repellente apenas pela porcaria, que era principio estabelecido e commum. O vestuario é grosseiro, burel ou *picoto*, segundo o termo local e tecido ali mesmo; as de Alcobaça são, como já vimos, as melhores tecedeiras, e n'esta localidade usa-se por isso a roupa branca nas camas.

O nosso chromo dá uma ideia exacta do costume, cujas peças mais originaes são a *mantela*, especie de lenço para a cabeça, o collete, o manteu largo deitado desde os hombros até aos joelhos, as piugas e os tamanhos, que dão á castreja a pequenez do pé, como acontece na China com os borzeguins das altas damas. Chamam-lhe na linguagem local *alabar-deiros* e d'elles dá uma idéa exacta a nossa gravura de texto.

Perguntámos por industria local; não havia senão a da cultura da terra nas proporções miseraveis que logo veremos.

—E manteigã não fabricam?

—Isso, sim senhor, mas só nas povoações do alto.

—Boa?

—Bonita e fresca, como olho de gallo—respondeu-me em imagem pittoresca e viva.

—E o pão, como fabricam vocês o pão?

—É com centeio e algum milho; as mulheres amassam em casa; fazem as bôlas e levam-nas depois para casa do padeiro.

Pedimos para ver uma; eram de fórmula mamillar, e grosseiro o seu fabrico. Depois de amassadas, collocam-as n'uma taboa e conduzem-as á cabeça para a casa do forno, que é commum á povoação, concorrendo todos para o seu concerto, quando d'isso elle necessita.

Além d'estas boroas fazem ainda no rescaldò do lar uns bolos, que servem emquanto não chega o pão do forno.

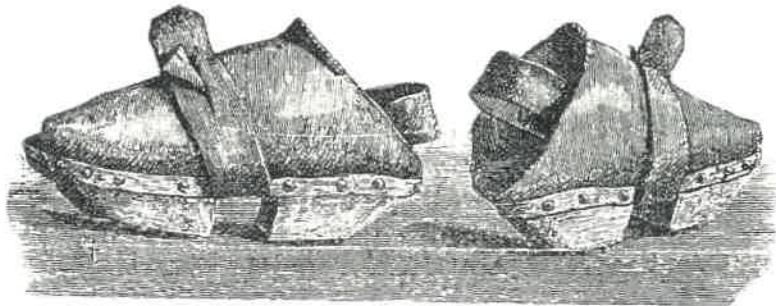
Almeida tirara já os seus *croquis* e eu desejava mais tempo para os

meus; precisavamos, porém, d'um esboço do castello e roia-nos o desejo de visitar essa velha ruína da civilização romana, que tínhamos a uns 500 metros da povoação. A tarde avançava e o nosso estomago principiava a revelar umas certas impaciencias pelo abandono a que o votavamos.

O grito geral era, porém, — Ao castello! — e força foi que por esta vez o estomago condescendesse.

Chegados á base do gigantesco mórro, Almeida fez o esboço e nós enchemo-nos entretanto de coragem para fazer a ascensão d'essa mole de granito, ameaçadora e bruta, que quasi a prumo se erguia sobre as nossas cabeças.

Era pela chamada porta do Sapo, a do norte, mal distincta na nossa gravura, que teriamos de penetrar no castello; para lá chegar porém, necessario era subir uns estreitissimos degraus abertos na rocha viva, o que



Tamancos de Castro Laboreiro — Desenho do natural por João de Almeida

~~fizemos com a agilidade de que disporiam valentes animaes trepadores,~~ luctando ainda contra o frigidissimo vento que nos açoutava, ameaçando a cada momento desequilibrar-nos.

Chegados acima, uma sensação de terror nos gelou a medulla; entre nós e a porta, uma pequena rocha estreita, de poucos decímetros de largura, era a unica passagem a transpor, e essa passagem dava sobre um abysmo que media approximadamente 500 metros de alto.

Bastava o escorregar d'um pé, um ligeiro desequilibrio, um nervosismo impertinente para nos fazer conhecer essa distancia respeitosa, ao fim da qual a morte seria a consequencia indubitavel.

Retroceder seria, além de pouco praticavel, uma verdadeira nodoa nos nossos brios de excursionistas! Avançámos, pois, e soltámos um profundissimo ah! de satisfação e allivio, quando transpozemos essa porta; que para nós representava a realisação d'um desejo e a certeza da salvaçáo d'um perigo tão proximo!

Os escriptos, que temos lido sobre Castro, dizem que essa porta é estreita e fazem-a quasi uma fresta que se torna necessario atravessar de rastos; não é verdade isto; um homem a pé passa por ella perfeitamente á vontade, e onde o rastejar é quasi uma necessidade, é apenas na tal passagem a que nos referimos.

O castello, que o povo attribue aos mouros, é evidentemente construcção romana; dentro encontram-se ainda vestigios de quarteis e ha igualmente um poço, que os antigos dizem ter possuido agua nativa. Os muros actuaes, arruinados bastante, são baixos e como que apenas co-roam o castello natural da penedia. Duas portas dão entrada para este recinto; a do norte por onde penetrámos, e a do sul, de accesso um pouco mais facil, mas ainda assim perigoso.

D. Affonso Henriques rodeou de muralhas o primitivo castello, como consta d'uma doação que este principe fez ao couto de Paderne; mas a fortificação actual é obra de D. Diniz, que a ella mandou proceder por ter um raio, cahido no paiol, causado uma explosão formidavel.

O aspecto da paysagem é triste e arido. A penedia rendilha todas as montanhas e desponta por todas as encostas, tomando as fórmas mais variadas e mais caprichosas.

No inverno um lençol de neve cobre o seu dorso escuro e pardilento, no verão apenas destaca do desolado da rocha um ou outro talho de centeio verde-amarellado e os vidoeiros que se erguem no fundo do valle estreito, como sentinellas perdidas do grande exercito vegetal. Os carvalhos não passam de rachiticos arbustos e servem, assim como as giestas, apenas para lenha. Nem uma unica arvore de fructo, nem o mesmo pinheiro bravo se divisa n'um ponto unico da serra.

Apezar de ser verão, o céu era brumoso, com uma ou outra nodoa de azul esparsa na cupula celeste; renques de neblina corriam dos lados da Peneda, quebrando-se em vapor humido contra as arestas das rochas e contra os muros do crasto. No fundo o ribeiro Fraguado serpenteia, como ondeante cobra, indo perder-se além, entre as serras de Lindoso, que d'este ponto se avistam, para confluir no Lima. Foi sobre as margens d'este regato que seguiu a pé D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, quando visitou esta isolada freguezia da sua diocese.

A *vol d'oiseau* ficam-nos á esquerda as *Inverneiras*, escondidas n'uma profunda garganta, e á direita a villa de Castro Laboreiro, *Castrum Laporetum*, de *lapis*, penhasco, constituída pela agglomeração de choupanas cobertas de giestas e colmo, d'entre as quaes apenas a igreja e uma ou outra casa destacam os seus telhados negros e paredes esfumadas.

A igreja foi primitivamente vigararia da matriz de Ponte de Lima,

depois abbadia do bispo de Tuy, que João Fernandes Sotó Maior trocou em 1308 com o nosso rei D. Diniz; era commenda da ordem de Christo.

A villa tinha foral velho dado por Affonso III em Lisboa em 1271, e D. Manuel lhe deu outro em 1513, dando-lhe n'este foral o nome de Castro Laboreiro.

Varios reis concederam aos castrejos muitos privilegios, que D. João V confirmou, e entre estes o de se não fazerem aqui soldados.

A fundação de Castro attribue-se a S. Rosendo, neto de Hermenegildo, a quem D. Affonso III doou estas terras de Lima, como premio de ter vencido o conde Witiza, senhor d'estes logares e que se revoltara contra elle. Hoje a villa está annexada á comarca e concelho de Melgaço e não haveria realmente fundamento para a considerar com os antigos privilegios, visto ser uma povoação decadente e miseravel.

—Só por desgraça é que a gente vive aqui, meu senhor— dizia-me uma pobre mulher castreja, com quem conversavamos,—ainda se o governo nos fizesse a esmolinhá de mandar para cá uma estrada!

A terra é fria e pouco fertil; as aguas d'uma deliciosa leveza e frigiditas de neve.

No inverno os castrejos, principalmente os de serra acima, abandonam as povoações do alto e recolhem ás suas choças no fundo dos valles, as *Inverneiras*, para as quaes transportam o seu limitado trem de cozinha, os instrumentos do trabalho, as roupas e os gados. Chegada a primavera deixam as suas casas de inverno e voltam para as do alto.

Nos fins de S. Miguel os homens robustos e validos emigram para o Douro e Beiras, onde vão fazer paredés nos mattos e campos; chamam-lhes n'essas provincias os *tapisas* ou *tapuas*. Ficam apenas as mulheres, os velhos e as creanças.

—Não ha quem deite a mão a qualquer coisa, senhor.—Se acontece de a neve entulhar as portas dos curraes, mal nos avímos (havemos) para poder tirar o gadinho.

Qualquer homem que não siga o destino dos outros e que se deixe ficar na povoação, o que é raro, é considerado *desprezado* e as mulheres evitam-o sempre, não o attendendo as raparigas nos seus requestos, visto ser um *calaceiro* e não dar boas garantias de marido trabalhador.

No mez de junho regressam aos seus lares e fazem os trabalhos agricolas da colheita do centeio e batata, a apanha das lenhas e dos mattos para as córtes dos gados, compram ou vendem nas feiras algum animal, concertam as choupanas, e, quando o inverno chega, depois de deixarem feitas as sementeiras do centeio barrozo, emigram novamente.

A cultura d'esta graminea é feita roubando á serra pequenos cantei-

depois abbadia do bispo de Tui, que João Fernandes Sotto Maior trocou em 1308 com o nosso rei D. Diniz; era commenda da ordem de Christo.

A villa tinha foral velho dado por Affonso III em Lisboa em 1271, e D. Manuel lhe deu outro em 1513, dando-lhe n'este foral o nome de Castro Laboreiro.

Vários reis concederam aos castrejos muitos privilegios, que D. João V confirmou, e entre estes o de se não fazerem aqui soldados.

A fundação de Castro attribue-se a S. Rosendo, neto de Hermenegildo, a quem D. Affonso III doou estas terras de Lima, como premio de ter vencido o conde Witiza, senhor d'estes logares e que se revoltara contra elle. Hoje a villa está annexada á comarca e concelho de Melgaço e não haveria realmente fundamento para a considerar com os antigos privilegios, visto ser uma povoação decadente e miseravel.

—Só por desgraça é que a gente vive aqui, meu senhor — dizia-me uma pobre mulher castreja, com quem conversavamos, — ainda se o governo nos fizesse a esmolinhá de mandar para cá uma estrada!

A terra é fria e pouco fértil; as aguas d'uma deliciosa leveza e frigiditas de neve.

No inverno os castrejos, principalmente os de serra acima, abandonam as povoações do alto e recolhem ás suas choças no fundo dos valles, as *Invernizas*, para ás quaes transportam o seu limitado trem de cozinha, os instrumentos do trabalho, as roupas e os gados. Chegada a primavera deixam as suas casas de inverno e voltam para as do alto.

Nos fins de S. Miguel os homens robustos e validos emigram para o Douro e Beiras, onde vão fazer paredes nos mattos e campos; chamam-lhes n'essas provincias os *tapsias* ou *tapsas*. Ficam apenas as mulheres, os velhos e as creanças.

— Não ha quem deite a mão a qualquer coisa, senhor. — Se acontece de a neve entulhar as portas dos curraes, mal nos avimos (havemos) para poder tirar o gadinho.

Qualquer homem que não siga o destino dos outros e que se deixe ficar na povoação, o que é raro, é considerado *déspregado* e as mulheres evitam-o sempre, não o attendendo as raparigas nos seus requestos, visto ser um *calaceiro* e não dar boas garantias de marido trabalhador.

No mez de junho regressam aos seus lares e fazem os trabalhos agricolas da colheita do centeio e batata, a apanha das lechãs e dos mattos para as córtes dos gados, compram ou vendem nas feiras algum animal, concertam as choupanas, e, quando o inverno chega, depois de deixarem feitas as sementeiras do centeio barrozo, emigram novamente.

A cultura d'esta graminea é feita roubando á serra pequenos cantei-

ros de esteva por meio do incendio; chamam a isto uma *lavouira* e é n'esse rescaldo adubado pelas cinzas vegetaes, que, depois de lavrado, se lança a semente.

Nenhuma curiosidade offerecem os seus outros trabalhos agricolas; n'elles, como em quasi todo o Minho, o auxilio mutuo é quasi um principio tradicional. Assim nas malhadas, por exemplo, os jornaes não se pagam a dinheiro e são os visinhos que reciprocamente se ajudam.

Pinho Leal descreve o uso das comesainas mortuarias em casa dos doridos, e falla dos enterros, nos quaes diz ser o feretro conduzido por mulheres, por não haver muitas vezes homens na freguezia, e ser seguido por uma comitiva d'ellas, umas com boroas, outras com açafates de bacalhau e diversos alimentos, que na igreja entregam ao parcho.

Perguntámos por esse uso, mas disseram-nos que não existia, pelo menos tal como o descreve o auctor mencionado.

É certo que á falta de homens o feretro é conduzido muitas vezes por mulheres, e que uma vae na frente do prestito levando um cesto com uma boroa. Mas não existem depois os banquetes, como ainda são de uso em outras partes da provincia, e que teremos occasião de vêr.

Avisinhava-se a noite a largos passos e affiançavam-nos os guardas e os do povoado, que era temeridade a horas taes empregar a marcha atravez da serra, pois nada mais facil que o encontro pouco amigo de qualquer alcateia de lobos.

O nosso guia, porém, que detestava Castro, fallava-nos como um poeta lyrico das blandicias do luar, e informava desfavoravelmente sobre a *villa*, onde não havia pouso para os animaes, nem alojamento para nós.

— E que hão de os senhores comer? — perguntava sollicitamente, como se a pergunta não devera ser antes formulada:

— Que havemos nós de comer?

O pobre homem tinha apenas almoçado algumas cerejas com pão de milho e, ás 7 horas e 30 minutos da tarde, é crível que o seu estomago tivesse exigencias fortes, visto que o nosso se revoltava intransigente contra a perspectiva d'umas novas cinco leguas a cavallo, sem ter conhecido o *meny* de Castro.

Apezar da minha boa vontade de ficar, para passar uma noite conversando á lareira com as castrejas, cujos usos se me offerecia occasião asada para conhecer, não houve remedio senão ceder ás instancias da caravana e dizer por aquella vez adeus ás cantigas que esperava recolher, ás lendas, aos contos de carochinha da tradição local, a todos os apontamentos emfim que poderiam alçar a minha individualidade obscura aos olhos ávidos do *Folk-lorismo* nacional.

Percorremos rapidamente as ruellas estreitas da villa e parámos para ver a igreja, cujo portico se achava de lucto por ter pouco antes morrido o velho parochio da freguezia. O templo nada offerece de notavel.

Quando estavamos n'esse ponto, um adventicio, que não era evidentemente um castrejo, se acercou de nós pedindo esmola; cumpre dizer que ninguem de Castro, mulher, homem ou creança, nos incommodou n'esse sentido.

Quando mesmo Almeida tirava o *croquis* do rapazito trabalhador, que encontrámos no regresso do castello e que figura no primeiro chromo, só depois de instado este acceitou de nós algum dinheiro, não obstante ser pouco remuneradora a sua profissão de carvoeiro, visto que o pobre rapaz ia com uma irmãsita e com o seu jumento para a serra n'um dia, colhia a urze e fazia o carvão no outro, e no immediato ia vendel-o a Melgaço, onde lhe pagavam 400 réis pela carga! Durante esses tres dias o seu alimento era boroa e agua pura do monte. Educadas no trabalho tão de novo, as creanças tinham o orgulho de não mendigar.

Quem era então esse estranho, que appellava para a nossa caridade? Imagina tu, se podes, meu leitor benevolo, que não te dá por certo a imaginação a chave do segredo.

Era um degredado!... Um degredado authentico, que as justiças de Chaves haviam condemnado a desterro d'um anno, ali cumprido em Castro, pelo roubo de 27000 réis, de que o individuo se dizia innocente e depois de ter estado dois annos na cadeia d'aquella villa á espera de julgamento!

Ó inimitavel justiça da nossa terra!

Era um rapaz de 18 annos, não mais, mal vestido e mal alimentado, e com as mãos ainda sangrentas do trabalho de rachar lenha; vivia livremente na povoação, tendo apenas de oito em oito dias de apresentar-se ao regedor. Como a justiça o condemnara sómente, sem se lembrar de que teria necessidade de pão para comer, ou da taboa d'um leito para dormir, o rapaz vivia da caridade hospitaleira d'aquella pobre gente, á qual retribuia com o seu trabalho.

Deu-se finalmente a ordem para a partida e enquanto o guia nos preparava os animaes e o tamanqueiro da terra construia essa pesada machina de madeira e sola, que o castrejo calça com o nome de *chanca* ou *alabardeiro*, pensámos nós em satisfazer o estomago.

Era tempo já.

Sentámo-nos extenuados na soleira d'uma porta e arranjou-nos um dos guardas vinho e boroa, o unico alimento que se podia conseguir em taes alturas.



CASTELO DE CASTRO LABOREIRO — Desenho do natural por João de Almeida

O vinho era detestavel e escandalosamente aguado, a boroa grosseira e aspera, como toda aquella natureza selvatica.

Foi assim mesmo saboreada, que não admittia a fome escrupulos de epicurismo; e se o meu estomago resistia, como o de bom Minhoto, o de Almeida, que tinha a dyspepsia dos Lisboetas, custava-lhe a resignar-se com o *menu*.

Só o outro companheiro se conservou sem enthusiasmo perante aquella boroa, que eu principiava já a achar deliciosa!

Era caso para scismar, quando era elle o que possuia o mais valente estomago da caravana! mas nem o nosso egoismo pensou em resolver o problema. Só á ceia, em frente já do appetitoso presunto de Melgaço, é que elle nos desvendou aquella seu mysterioso recolhimento de Castro!

Tinha visto comprar a boroa na unica tenda da terra, e a immundicie, se era um privilegio de todos os outros interiores, chegava a ser um cumulo no unico estabelecimento commercial da villa! Nada viramos, porém, e melhor nos fôra assim!

Montando a cavallo seguimos o mesmo caminho para Melgaço. Era já crepusculo quando passavamos á Portellinha e resolveramos tirar todo o partido dos animaes para chegar o mais cedo possivel. Mas na Portellinha um grupo de mulheres se acercou de nós e nos fez parar.

—O senhor doutor medico, o senhor doutor medico? perguntavam.

Tudo esperavamos, menos ir fazer clinica em Castro Laboreiro!

O guia, porém, designou-nos como discipulo de Galeno, e não houve remedio senão acceder ao pedido d'aquella gente para vêr uma mulher enferma!

Grassavam então epidemicamente as febres typhoides, e tinham-nos até em Melgaço tentado dissuadir da viagem por causa da epidemia.

Apeámo-nos e entrámos n'uma d'essas choças de selvagem, sendo preciso accender uma candeia para conseguirmos vêr a doente, que tremia com o calafrio da febre no meio dos grossos bureis do leito, onde não havia um unico lençol! e que mergulhava n'uma atmosphaera asphyxiante de fumo, aromatisada ainda pelas emanações que saham do curral annexo. Nem aceio, nem ar, nem sequer luz!

Aberto o caminho não tivemos remedio senão condescender com mais alguns pedidos e vêr ainda outras doentes!

Como aquella pobre gente vivia longe de todos os recursos da sciencia medica, quasi nos queria deter á força para que percorressemos o logar inteiro!

O guia é que se dava a perros com isto, e quando uma outra mulher o interrogava a nosso respeito, mentiu descaradamente dizendo, que não

veríamos mais doente algum sem previamente sermos pagos d'uma libra por cada visita.

—Uma libra!... e a pobre mulher, cujos intentos só pelo caminho soubemos, não teve coragem para nos fazer pedido identico ao das outras.

Livres da nossa clinica accidental, apenas um ou outro cão de gado, specimen d'essa valente raça chamada de Castro, e que fóra d'aquellas asperas penedias se abastarda ou morre nostalgica, nos cumprimentava de longe a longe.

O luar illuminava-nos o caminho e quando n'um ou n'outro cotovello a sombra d'algum picoto nos mergulhava no escuro, mais profundo era o contraste com essa meia luz suave e pallida, que reverberava melancholicamente sobre as serras, as grandes columnas d'esse magestoso templo gothico—a natureza silenciosa e casta.

Fiães, essa pobre ruina d'um passado morto, affigurou-se-nos então um tumulo sagrado, sobre que o archanjo da soledade derramava as suas lagrimas de pranto.

E tal era o doce recordar d'essas physionomias emaciadas dos velhos monges, da sua vida monastica e dos seus habitos religiosos e profanos, que ao rocinante magro nos entregámos descuidosos, sem esperar que elle nos viesse tirar d'estes arroubos mysticos, chapando-se como um sendeiro que não comprehende philosophias a horas mortas da noite, e fazendo-nos ajoelhar nas urzes, talvez pela intenção firme de nos fazer penitenciar, como os bons frades com que iamos sonhando.

Meia hora depois o nosso appetite congratulava-se com a sopa fumegante da hospedaria e com os bifes classicos do presunto.

*
* *

Para de manhã se destinou a excursão a S. Gregorio e foi preciso que o sol entrasse gloriosamente pelos quartos dentro, e que á porta nos batesse inexoravelmente o guia, para virmos á realidade de que o nosso primeiro somno era ainda aquelle cujas delicias gosavamos desde 5 horas!

Eis-nos já em caminho e encantados com a vista panoramica da ermida da Senhora da Ourada, que fica a 1 kilometro da villa, n'uma collina dominando uma varzea fertilissima, a norte beijada pelas aguas azuladas do Minho.

O templo, sob cujas arcarias passa a via publica, foi até 1834 da jurisdicção dos monges de Fiães, por doação de D. Sancho I, que o herdara de seu pae.

É tão antiga a sua fundação, que se suppõe ter existido no tempo dos Godos. Affonso Henriques, achando-o em ruínas, o mandou reedificar em 1170, como constava d'uma escriptura de doação feita por D. Sancho em Santarem e assignada pelo rei e seus filhos e prelados do reino. Esta escriptura, que até 1834 se conservou em Fiães no *Livro das Datas*, desapareceu por essa epocha, como tantos outros documentos preciosos.

A Senhora da Ourada é a primeira intercessora d'estes povos junto do throno celico de Jehovah!

Desde o dia da Ascenção até á festa do Espirito Santo, vinham aqui em romaria todas as freguezias do concelho, e muitas do de Monsão, offerrecer á Senhora o residuo do cirio paschal, em cumprimento d'um antigo voto feito por occasião de peste. Cada uma d'essas freguezias trazia então o seu *clamor*, e ainda hoje se conserva o uso tradicional, sendo apenas menos numerosos esses *clamores*, ou procissões com musicas festivas, que em maio acodem ao santuario da Ourada.

Preces ad petendam phuviam como *ad petendam serenitatem* não são no céo bem attendidas, se não forem por intervenção d'esta Senhora, que em tempos mais calamitosos resgatou miraculosamente tambem muitos captivos das terras dos mouros, que ás portas do templo vinham dar ainda com os seus grilhões e cadeias.

Pinho Leal fallando da estrada publica, orlada de casas, hortas, pomares e fontes, chama-lhe um bonito passeio, como quem póde desafogadamente gosar-o! Triste engano geometrico, que me fez tremer mais d'uma vez pela minha integridade muscular, visto que era tão estreito por vezes o caminho, que era necessario a cada passo, ao avistarmos um qualquer viandante a cavallo, repetir a famosa anecdotia de Calino:

—Se o seu cavallo é egua affaste-o já para o lado—attendendo a que tinha todos os vicios desordenados d'um sangue quente o cavallo em que eu ia montado!

Inferior á Ourada, n'um outeirinho elevado á margem-rio, vê-se d'aqui, entre verdes soutos de castanheiros, *CHAVIÃES*, freguezia antiquissima a que já nos temos referido e que tem como orago Santa Maria Magdalena.

Vae a estrada seguindo orlada pela vegetação luxuriosa dos soutos de castanheiros, de onde a onde matizados pelo escarlate vivo das cerejeiras em fructo, passa-se a capellinha de Gondufe e logo principia, n'uma bella ravina humida das aguas de rocha, a freguezia de *PAÇOS*, pelo lugar de Marelhe que atravessamos.

O povoado acantona-se em baixo e a igreja fica-lhe sobranceira, n'uma pequena collina cheia de vegetação.

O seu principal ramo de actividade é o da criação dos gados, e nos seus montes ha bastante caça.

Chegámos emfim a S. Gregorio, o mais importante lugar da freguezia de *CHRISTOVAL*, cuja igreja occulta por detraz da encosta, onde assenta S. Gregorio, é o templo que fica mais ao norte em territorio portuguez.

S. Gregorio apresenta o aspecto d'uma pequena villa inclinada sobre o rio Trancoso, que ali voltámos a cumprimentar, como a nossa primeira arteria internacional, arteria que junto a Cebido, ultimo lugar de Christoval, vae desaguar no Minho e cuja confluencia marca igualmente o ponto em que este formoso rio se interna em plena Galliza, ou melhor, em que elle, ao vir de lá, beija pela primeira vez a terra portugueza.

S. Gregorio é, por assim dizer, uma rua unica, uma rua *verde*, em ladeira ingreme até á ponte da Varzea, essa ponte que o nosso desenho representa, e que é a primeira ponte internacional lançada entre os dois paizes, se não quizermos fallar nas poldras de Pousa--folles, mais ao nascente, no curso do Trancoso.

Mas, emfim, a ponte da Varzea tem já os seus 4 metros de altura, 6 de comprimento e 2 de largo! É quasi a ponte de um lagosinho! Não se riam d'ella, comtudo, que ali onde a vêem, com os seus dois troncos de castanheiro, lançados de margem a margem, e os seus torrões como pavimento macio, é um symbolo de fraternidade entre dois paizes que vivem em plena paz, e seria um baluarte de independencia a conquistar, quando o clarim de guerra resoasse desoladoramente por aquellas quebradas fóra.

Ponte Varzea é o lugar hespanhol, d'onde o pontelhão tira o nome e que pertence á alcaidaria de Padrende, com quem S. Gregorio faz o seu commercio meio licito, meio . . . de contrabando!

Que diabo quieriam, porém, que fizesse S. Gregorio, se no inverno é a margem de Ponte Varzea que lhe dá por emprestimo um bocadito de sol, a cujos raios vão aquecer-se aquelles pobres friorentos gelados das suas sombras de mezes!

Na pequena villa,—chamemos-lhe assim, que não seja senão por patriotismo,—ha uma capella onde se festeja Santa Barbara! Ha tambem . . . uma aspiração legitima e justa, que os governos só lembram por occasião de eleições—é a d'uma estrada que os ligue com Melgaço!

E existira ella, meus amigos, que não teriamos eu e os meus companheiros, de repetir na volta, tantas vezes, a tal celebre phrase de Calino—tire para lá o seu cavallo, se elle é egua.

*

* *

Aqui estamos de novo junto á tua sombra gloriosa, ó velha torre de menagem, e d'esta vez para evocar algumas das tradições honrosas, que se ligam ao teu passado heroico e sob a recordação das quaes queremos deixar Melgaço.

Nas guerras de D. João I contra Castella, todo o alto Minho tinha sacudido já o jugo castelhano e só Melgaço resistia ainda, confiado na sua guarnição de 300 infantes e outros tantos cavallo, que o alcaide-mór Alvaro Paes Sotto-Maior capitaneava com denodo.

Impaciente D. João I por tal noticia, dirigiu-se elle proprio de Braga, onde reunira côrtes, para o alto da provincia, e pessoalmente tomou o commando das suas tropas de sitio. Iam perdidos dez dias em escaramuças ligeiras e, como nada se conseguisse, mandou o rei edificar um castello de madeira, que fosse em altura superior aos baluartes, enviando antes d'uma tentativa de força, que dizia ser a ultima, João Fernandes Pacheco para tratar á boa paz das condições da rendição da praça.

Não se quiz *dar a partido* Alvaro Paes, e D. João, impaciente devêras, ordenou que tudo se activasse para o assalto, a que elle proprio iria.

Os seus brios de guerreiro accendiam-se ainda, porque á sua mulher e quasi noiva, Filippa de Lencastre, queria offerecer, como espectáculo de bravura, o assalto geral da praça.

A rainha achava-se já em Monsão com João das Regras e João Afonso de Santarem, damas e creados da sua casa, e d'ahi tencionava passar ao mosteiro de Fiães, para ficar mais perto do arraial.

Foi n'esta occasião que um facto de acaso, um combate singular entre duas mulheres, decidiu da sorte da campanha.

Vivia dentro da praça uma mulher valente, parcial dos castelhanos, e a quem os de fóra chamavam a *Arrenegada*, por ser uma portugueza que contra a sua patria combatia. Soube ésta mulher que no acampamento estava a sua conterranea Ignez Negra, que tinha por igual uma aureola de virago. Mandou-a desafiar a combate singular e Ignez, que era mulher de *não levar duas em capello*, prompta acceitou o desafio, que devia ter logar a igual distancia das muralhas e do arraial, e para esse ponto se dirigiu.

A *Arrenegada* esperava-a já e a lucta começou logo, encarniçada e terrivel, ferindo-se com as mãos, unhas e dentes, depois de partidas as armas, de que iam munidas. Não diz Duarte Nunes de Leão (*Chronica de D. João I*) que qualidade de armas eram essas; mas o que elle assevera é

que a pimpona da *Arrenegada*, depois de ficar de baixo, foi para dentro da villa, corrida, com os cabellos arrancados, e *levando nos focinhos muitas noções das punhadas da de fóra*, que ficou victoriosa.

Imagine-se a grande algazarra que os portuguezes fizeram aos castelhanos e o sentimento de desanimo que estes experimentaram.

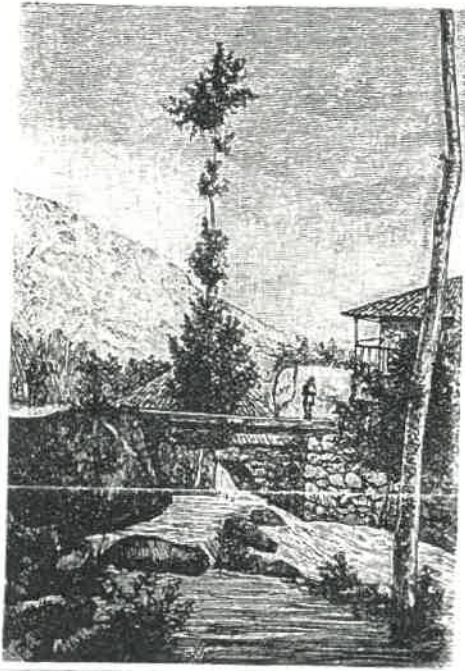
No dia seguinte a praça era de D. João, e Ignez Negra, na plataforma

da torre, onde o pendão das quin-
nas ondeava ovante, dizia para os
besteiros que a rodeavam, olhando
com orgulho a velha praça:

— Mas vencemos-te! Tornaste
ao nosso poder! És do rei de Por-
tugal!

E eis ahí como uma melgacense
de heroicos brios e pulso solido
deixou na historia da sua terra uma
tradição gloriosa!

Patriotismo não menor que o
d'essa virago illustre demonstrou
Melgaço na occasião da invasão
franceza em 1807, pois foi a pri-
meira praça d'armas portugueza,
que sacudiu o jugo estrangeiro e
acclamou a liberdade em 11 de
junho de 1808.



Ponte de S. Gregorio — Desenho do natural
por João de Almeida

Bragança seguiu-lhe logo o
exemplo com o heroico Sepulveda
e instantaneamente a revolução se

alastra pelas provincias do norte, até que o Porto faz, em 19 do mesmo
mez, a sua acclamação, que o Algarve e o Alemtejo secundam logo.

Não podemos occupar este livro com genealogias illustres; mas não
podemos deixar tambem de n'elle mencionar o nome d'um ou outro filho
de qualquer localidade, que pelo seu talento tenha conquistado na vida
historica do seu paiz um logar aureolado pela fama.

Está n'este caso o filho de Melgaço, Martinho de Mello e Castro, da
casa dos Castros, o famoso ministro da marinha, no reinado de D. José,
que tanto secundou pela sua sciencia e energia as reformas do grande
Marquez de Pombal.

*
*
*

Horas são de partir e de deixar-te entregue aos teus sonhos melancholicos, sympathico burgo do norte! O carro voa já pela nova estrada de macadam, o amphitheatro em que assenta S. Payo de Melgaço ficamos á esquerda. Á direita, bem proximo de nós, ahi está a fertil freguezia de *PRADO*, outr'ora annexa á de S. Payo. A renda era dividida em quatro partes: uma para o abbade, outra que chamavam *renda do castello* para a casa de Bragança, e as duas restantes para a mesa do arcebispo de Braga.

A infanta D. Urraca, filha de Fernando Magno, deu metade d'esta renda ao bispo de Tuy em 1071. Onega Fernandes e seus filhos Payo Dias e Aragonta Dias deram ao bispo D. Affonso a quarta parte em 1118; — e finalmente a rainha D. Thereza e seu filho Affonso Henriques deram ao mesmo bispo a quarta parte restante em 1125. Por isto se vê a antiguidade d'esta parochia.

Contigua a Prado ali está á beira-Minho *REMOÃES*, cuja multiplicidade de pequenos campanarios em fórma pyramidal, destaca ao longe d'entre as arvores que rodeiam a igreja e lhe dão um aspecto pittoresco. Como Prado, foi em tempo annexa á freguezia de S. Payo.

Ultimamente descobriram-se em Remoães umas importantes nascentes de aguas mineraes, alcalinas, ferruginosas e sulphureas, que uma empresa já organizada trata de explorar.

Seguindo a estrada divisa-se para além, na montanha, a capellinha de S. Roque, festejada em julho; pertence já á freguezia de *PADERNE*.

A igreja parochial, distante de Melgaço 3 kilometros para SO., era o templo do velho mosteiro de Paderne ou Paterna, que a condessa d'este nome, viuva do conde de Tuy, Hermenegildo, aqui fundou em propriedades suas para n'elle professar com suas quatro filhas e outras donzellas de Tuy, na ordem regrante de Santo Agostinho.

Em 6 de agosto de 1130, estando todas as obras concluidas, foram a igreja e o mosteiro sagrados por D. Payo, bispo de Tuy, que o dedicou ao Salvador e n'esse mesmo dia lançou o habito das conegas de Santo Agostinho á condessa, suas filhas e companheiras.

A nostalgia devia ser, porém, natural em annos tão verdes e por isso o bispo mandou logo para confessores e capellães do piedoso redil das conegas sete clrigos, que a chronica diz serem de boa vida; e tanto de boa vida ali se deram, que oito annos depois se faziam regulares sob a mesma regra de Santo Agostinho, vivendo em santa communiidade, —

entre si, entende-se, — que não vá a malicia do leitor suppor que era em communidade com as conegas gentis.

Se alguma communidade havia, só... nos exercicios religiosos se poderá admittir, visto que a igreja era commum, vivendo do lado norte as freirinhas e do lado sul nos claustros, dormitórios, cellas e mais officinas que a condessa mandou construir, os bons dos conegos.

A condessa foi a primeira priora das freiras; D. Ramiro Paes o primeiro prior dos religiosos.

Em 1140 falleceu a priora e foi sepultada na capella-mór, ao lado do Evangelho, tendo em meio relevo a sua figura sobre a tampa do sarcophago. Junto a ella, em meio relevo tambem, está a figura d'um guerreiro, que se suppõe ser o conde Hermenegildo. A inscripção d'este tumulo está illegivel por muito gasta.

No priorado succedeu-lhe sua filha D. Elvira, á qual D. Affonso Henriques doou o couto de Paderne em 1141, dizendo n'essa doação: «lh'a fazia pelos bons serviços que lhe fizera quando elle estava sobre o castello de Castro Laboreiro, a quem tinha cercado, mandando-lhe mantimentos e alguns cavallos, entre elles um muito formoso e jaezado ricamente para a sua pessoa.»

Em 1248 já só aqui havia frades, sendo prior então D. João Pires, dedicado partidario de Affonso III, o qual por isto deu ao convento grandes privilegios. Esse mesmo prior fez demolir a velha igreja e reedificar a actual, que D. Emygdio, bispo de Tuy, veiu sagrar em 6 de agosto de 1264. O prior do mosteiro era capitão-mór do couto e nomeava as suas justicas, escrivães e officiaes. Em 1594, por ordem de D. Sebastião e bulla de Clemente VIII, foi unido o mosteiro ao de Santa Cruz de Coimbra, com a condição de ficar n'elle quem rezasse no coro, prégasse ao povo e ministrasse os sacramentos.

Na guerra da independencia (1640) o prior, capitão-mór, prestou importantes serviços á causa nacional. Os cruzios venderam mais tarde o mosteiro, a cêrca e senhorio do couto aos Caldas, de Badim.

Deixando a historica Paderne, fica-nos á esquerda, proximo da linha da estrada, *ALVAREDO*, chamada antigamente Alvaredo de Paderne e outr'ora curato do couto de S. Fins, em Valença. Onega Fernandes doou a quarta parte d'esta igreja ao bispo Affonso de Tuy, como já fizera com Prado.

A capella de S. Braz fica perto da estrada, e além, aquella outra ermida, que se vê junto do rio, é devotada a S. Bento e tem a sua festasi-nha em julho.

Notámos em Alvaredo, como n'outras freguezias limitrophes de Mel-

gaço a singeleza das cangas dos bois, e a sua pequenez; talvez tenhamos ainda de referir-nos n'outros pontos do nosso trabalho a estes aparelhos de jugo, tão rendilhados quando se desce para o sul da provincia, e que o nosso amigo e erudito investigador Leite-de-Vasconcellos estudou já no seu livrinho intitulado *Estudo ethnographico a proposito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois nas provincias portuguezas do Douro e Minho*.

O carro segue sempre e aqui nos fica á esquerda a freguezia de **PENSO**, uma villota em miniatura, antiga vigararia do mosteiro de Paderne e depois da casa dos Caldas, de Badim, por compra que fizeram ao mosteiro.

Na quinta de S. Cibrão (Cypriano) é tradição que existiu um antigo templo gentilico, dedicado a Jupiter, no ponto onde está hoje a capella. Ha quem diga, porém, que essa tradição foi inventada apenas com o fim de ennobrecer a quinta, já de si notavel pela familia que a possuiu e pelo bom vinho que produz. Em Penso existe ainda a capella de Santa Comba, cuja festa é pelo mez de julho, e junto da estrada, á nossa esquerda, está a capellinha de S. Bartholomeu, cuja festa se faz em 24 de agosto.

Sobranceira a essa capellinha fica um templosinho modesto, mas da religião do mais largo ideal—a instrucção do povo.

Um bando de rapazes, rodeando o professor, entrava na escola, no momento em que nós passavamos. E foi gratissima, devemos confessal-o, essa impressão ultima que em nós deixou a derradeira freguezia que percorriamos do concelho do Melgaço.

*
* *

N'este ponto cumpre parar e lançar uma vista retrospectiva sobre todas as manifestações, pelas quaes se revela povoação culta o primeiro concelho norte do paiz.

Serão ainda umas estatisticas curiosas, que tu apreciarás, leitor, sejas ou não filho d'esta terra, porque ellas, por assim dizer, compendiam o movimento civilizador do teu paiz.

A escola e a imprensa são dois polos da vida intellectual; a segunda não existe em Melgaço, a primeira ramifica a sua luz segundo a distribuição seguinte:

Tem 8 escolas primarias do sexo masculino, 1 do feminino e 1 mixta.

O numero de alumnos que frequentou o anno lectivo de 1883-1884 foi de 559 rapazes e 182 meninas.

As escolas são nas seguintes freguezias: Christoval (mixta), Castro Laboreiro, Fiães, Melgaço (duas, uma do sexo masculino e outra do sexo feminino), Paderne, Paços, Parada de Monte, Penso e Remoães ¹

Como demonstração de moralidade temos a estatística criminal, referida ao anno de 1886, a última publicada.

Na comarca foram n'esse anno julgados 35 réos, sendo 10 absolvidos e 23 condemnados a penas correccionaes. Os crimes eram 25, quatro dos quaes classificados como attentados contra a ordem e 21 contra pessoas. D'entre os 35 criminosos, 27 eram homens e 8 mulheres; e sabiam ler 20, sendo os outros 15 analfabetos. D'entre os 35, 2 eram de fóra da comarca e 2 estrangeiros.

Do trabalho, na sua triplice ramificação de commercio, industria e agricultura, póde dizer-se quanto ao primeiro que existe um pouco florescente, attenta a riqueza do concelho, fazendo-se bastantes transacções com a Galliza, e exportando para todo o paiz os celebres presuntos e para os concelhos proximos algum vinho, lãs, cereaes e castanha.

A agricultura é a actividade predominante; reduzida, porém, quasi ao periodo pastoril e de criação nas freguezias serranas, onde se apresenta a raça bovina cruzada de barrozá e gallega, as ovelhas, e alguns pessimos exemplares de gado equino, asinino e muar, mal alimentados e vivendo pelas pastagens da serra; nas freguezias da Ribeira Minho o vinho, os cereaes, as fructas, principalmente a castanha, tem já uma larga producção e tornam o concelho bastante fertil. O vinho verde é bastante acido e tanninoso, e usa-se a cultura da vinha pelas pequenas ramadas de *arjoeiro*, latadas e poucas uveiras. As freguezias mais productoras são as de Penso, Parada, Passos, Christoval e Chaviães.

O preço medio é de 26000 réis por pipa.

As castas vulgares são: o *espadeiro*, o *cainho*, o *pical*, e a *tinta*, vulgarmente chamada *espadeiro de Basto*.

As vindimas principiam ordinariamente a 20 de setembro. As uvas, sem escolha nem selecção, são lançadas nos lagares de cantaria ou em dornas de madeira. Pisadas logo, ficam em fermentação pelo espaço de 48 a 72 horas, no fim das quaes o vinho é envasilhado, sendo em abril trasfegado para outras vasilhas.

Fazem vinho branco e tinto, e d'estes distinguem uma qualidade melhor por ser fabricado com uvas de melhores castas, mais sazoadas e escolhidas. A duração do vinho não excede um anno. (Vide *Memoria so-*

¹ Esta estatística, como as congeneres dos concelhos seguintes, foram-nos fornecidas com data de 30 de setembro de 1884 pelo intelligente inspector do 4.º círculo escolar (Valença) o ex.º sr. João A. Ramos Paz, a quem d'aquí agradecemos a sua delicada amabilidade.

bre os processos de vinificação, apresentada ao ministro das obras publicas pela commissão nomeada em agosto de 1866, composta dos eminentes cenologistas visconde de Villa Maior, Ferreira Lapa e Antonio Augusto de Aguiar).

O ultimo recenseamento dos gados feito em 1872 dá para o concelho um valor medio de 51:761#810 réis, o que deve considerar-se abaixo da verdade.

As especies pecuarias são assim divididas:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	97	1:369#500
Muar	64	930#000
Asinino	9	28#000
Bovino	2:267	46:483#000
Lanar	990	393#140
Caprino	1:070	375#970
Suino	1:035	2:181#400
		51:761#810

A vida economica é ainda facil no concelho; a propriedade rural rende 3 por cento em media e no mercado, abundante de hortaliças, fructas, legumes e aves de criação, os preços regulam pela seguinte tabella:

Milho grosso, alqueire de 24,4	850 réis
Centeio " " "	750 "
Trigo " " "	950 "
Feijão rajado " " "	800 a 900 "
" branco " " "	1#00 a 1#200 "
Batatas	400 a 500 "
Cebolas (cabos com 70)	80 "
Vinho velho	24 a 28#000 "
" novo	20#000 "
Ovos (duzia)	80 a 100 "
Gallinhas	300 "
Nozes (alqueire)	1#000 a 1#200 "
Castanhas (alqueire)	500 "

As feiras effectuam-se nos dias 9 e 22, sendo porém de minguada concorrência esta ultima.

Na pagina que segue encontra o leitor o mappa elucidativo da população do concelho e do numero de fogos de cada freguezia, tal como o

determina o censo de 1878, o ultimo elaborado no nosso paiz, e bem assim a enumeração dos principaes logares pertencentes a cada uma das parochias. O leitor comprehende, que não podem attingir a verdade rigorosa e exacta os elementos de estatística que temos a honra de lhe apresentar. Que muitas causas não houvesse para essa inexactidão, bastava attender a uma importantissima, que todos os que se encarregam de trabalhos d'esta natureza, encontram na sua frente—a ignorancia do povo, que n'estes trabalhos vê sempre um aggravamento do imposto.

Em todos os capitulos seguintes será apresentado um mappa pela mesma fórma elaborado.



CONCELHO DE MELGAÇO

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Alvaredo, S. Martinho	385	419	804	218 /a
Castro Laboreiro, Santa Maria	1:003	1:119	2:122	610 /b
Chaviães, Santa Maria Magdalena	312	364	676	186 /c
Christoval, S. Martinho	453	514	967	228 /d
Couso, S. Thomé	323	356	679	181 /e
Cubalhão, Natividade de Nossa Senhora	157	171	328	94 /f
Fiães, Santa Maria	452	477	929	205 /g
Gave, Santa Maria	300	358	658	175 /h
Lamas de Mouro, S. João Baptista	125	113	238	62
Melgaço, Santa Maria da Porta	477	540	1:017	237 /j
Paderne, S. Salvador	926	1:055	1:981	478 /k
Parada de Monte, S. Mamede	406	469	875	224 /l
Passos, Santa Maria	326	342	668	176 /m
Penso, S. Thiago	508	565	1:073	322 /n
Prado, S. Lourenço	248	283	531	130 /o
Remoães, S. João Baptista	89	97	186	47 /p
Roussas, Santa Marinha	486	500	986	283 /q
S. Payo de Melgaço, S. Payo	491	560	1:051	295 /r
	7:557	8:302	15:859	4:160

a Compreheende esta freguezia os logares de Pinheiro, Couto, Rego, Ferreiros, Barqueiro, Carvalheira, Padreiro, Carasqueira, Charneca, Bouços, Souto, Fontainha, Troia, Fonte, Esteves, Conde, Torre, Moninho, Preza; e meeiros d'esta e da freguezia de Paderne, Granja, Barbeita e Villar.

b Compreheende esta freguezia, além da villa, os logares de Portellinha, Vida, Varzea-Travessa, Covello, Pintem, Lacciros, Romisqueira, João Alvo, Barreiras, Ponte do Barreiro, Podre, Amoreira, Lgda, Dorna, Entalada, Mareco, Pontes, Meijoeira, Bogo de Baixo, Bogo de Cima, Corveira, Viso, Cinheiros, Barziella, Ribeiro, Porto dos Cavalheiros.

c Compreheende esta freguezia os logares da Igreja, Pena, Baralha, Portavivo, Bouça, Casal, Linhar, Redondas, Outeiro, Louridal, Cruzeiro, Viso, Tapada, Orjaes, Barraço, Senhor do Socorro, Nogueira, Fonte, Lages, Coutas, Suengas, Cortinhal, Gondufe, Corveira, Valle, Parada, Portella, Carvalheiras, Pico, Escoredo; a quinta do Barreiro e mais duas, uma no logar de Portavivo e outra no de Louridal.

d Compreheende esta freguezia os logares de S. Gregório, Cebido, Cazúes, Couto, Suartello, Ranzo, Dorna, Carvão, Cruz, Granja, Pico, Porta, Regueiro, Mouriga, Ranhado, Sobreiro, Marga, Pousada, Campo do Souto; e os casaes de Sobreira, Grova, Soalheira, Goule.

e Compreheende esta freguezia os logares de Sella, Tojeira, Birtello, Cerdeiras, Pousada, Fojo, Surribas, Aldeia.

f Compreheende esta freguezia os logares de Cubalhão de Baixo, Cubalhão de Cima, Urjaes, Cortelhas, Logar de Baixo, Logar de Cima.

g Compreheende esta freguezia os logares de Ladroneira, Villa de Conde, Candosa, Jogaria, Souto Mendo de Cima; Souto Mendo de Baixo, Lourenços, Porteiro, Pousa-Folles, Adedella, Faval, Congosta, Porto Carreiro, S. João, Adevalha, Follia, Evedal, Alcobaça, Balçada, Eira de Lapella, Lapella, Assufeira.

h. Estes tres ultimos logares para os effeitos civis pertencem á Galliza e tem 36 fogos (136 habitantes).
i Compreheende esta freguezia os logares de Gave, Eiriz, Baldossa, Barreiros, Cerdeiral, S. Cosme, Terrão, Lameiro, Sobreira.

j Compreheende esta freguezia, além da parte respectiva da villa, os logares de Calçadas, Barbosa, S. Julião, Corga, Assadura, Ourada, Louridal, Oliveira, Pigarra, Carvalhiças, Barzias, Moínhos, Galbam de Baixo, Rio do Porto; e os casaes de Corujeiras, Galbam de Cima.

k Compreheende esta freguezia os logares de Igreja, Granjão, S. Miguel, Barral, Crustos, Cividade, Golães, Paço, Barro, Varzea, Souto, Queirão, Montarrão, Pordes, Penellas, Longarimba, Aldeia, Cabo, Saúde, Estivadas, Fontes, Devesa, Barreira, Pinheiro, Midão, Portella: meeiros em S. Payo—Sante, Verdella: meeiros em Alvaredo—Barbeita, Villar, Granja; e as quintas do Reguengo, Torre, Pezo, Pastizella.

l Compreheende esta freguezia os logares de Couto Santo, Aldeia Grande Trigueira, Carrascal, Casal, Tabolado, Chão do Bezerra, Lagarteira, Paço, Couto do Paço, Pereiral, Cortegada e as H. L. de Mourim, Fitouro, Trabaços, Bouça dos Homens.

m Compreheende esta freguezia os logares de Passos, Villa Draque, Marelhe, Vinhas, Corgo, Granjas, Pedreira, Outeiro, Casal, Campo das Bouças, Beleco, Casaes, Sã.

n Compreheende esta freguezia os logares de Sant'Iago de Penso, Barro Pequeno, Barro Grande, Paranhão, Crasto, Larunjeira, Gnia, Lages, Cortinhas, Casal de Arado, Paradella, Além Passa, Pomar, Moz, Telhada Pequena, Telhada Grande, Rabosa, Barreiros, Carreira, Felgueiras, Casal Maninho, Couto de Santa Comba, Quinta de S. Cypriano (vulgo Carvalheira), Cruzeiro.

o Compreheende esta freguezia os logares de Prado e seguintes, os quaes formam tres grupos que vão separados pelo signal *:

Prado, Arrochal, Barronda, Bouça Nova, Bouços, Breia, Bornes, Carvalhal, Cerdedo, Corradoura, Cortai, Couto, Detraz do Couto, Ferreiros, Fontes, Laires, Malhugrillos *; Outeirão, Ponte Pedrinha *; Raposos, Rego, Santo Amaro, Serra, Souto.

p Compreheende esta freguezia os logares de Remoães, Cruzeiro, Rego, Cimo da Villa, Igreja, Coulle, Gondomar, Cargu, Baronda, Portella, Lage, Groza, Follias, Quinta do Pombal.

q Compreheende esta freguezia os logares, casaes e quintas seguintes:

Aldeia Carreira, Carvalhos, Callo, Corçúes, Costa, Cabreiros, Cavalheiros, Cobilhós, Cerdedo, Crasto, Igreja, Lobid, Paço, Peres, Porto, Pombeira, Eira, Surribas, Telhejo, Vilhães, Valle, Requeixo, Ofeiras, Corga.

Boavista, Cordeiro, Corujeiras, Eiró de Cima, Eiró de Baixo, Fexo, Rio do Porto, Quinta de Cavalheiros.

r Compreheende esta freguezia, além da parte respectiva da villa, os logares de Cavalheiro Alvo, Cruzeiro, Lourenços, Lagundo, Carvalha Furada, Deveza, Paço, Cabencas, Amial, Rosa, Santo André, Barreiros, Requeiro, Costa, Veiga, Nogueiral, Ponte, Carpinteira, Gandra de Cima, Gandra de Baixo, Carreira, Real, Barata, Gaia, Barral, Soutinho, Baratas, Quingos- as, Souto Meeiro, S. Paderne.



FL6-2

O Minho Pitoresco



908(469.111) VIE

BMM